

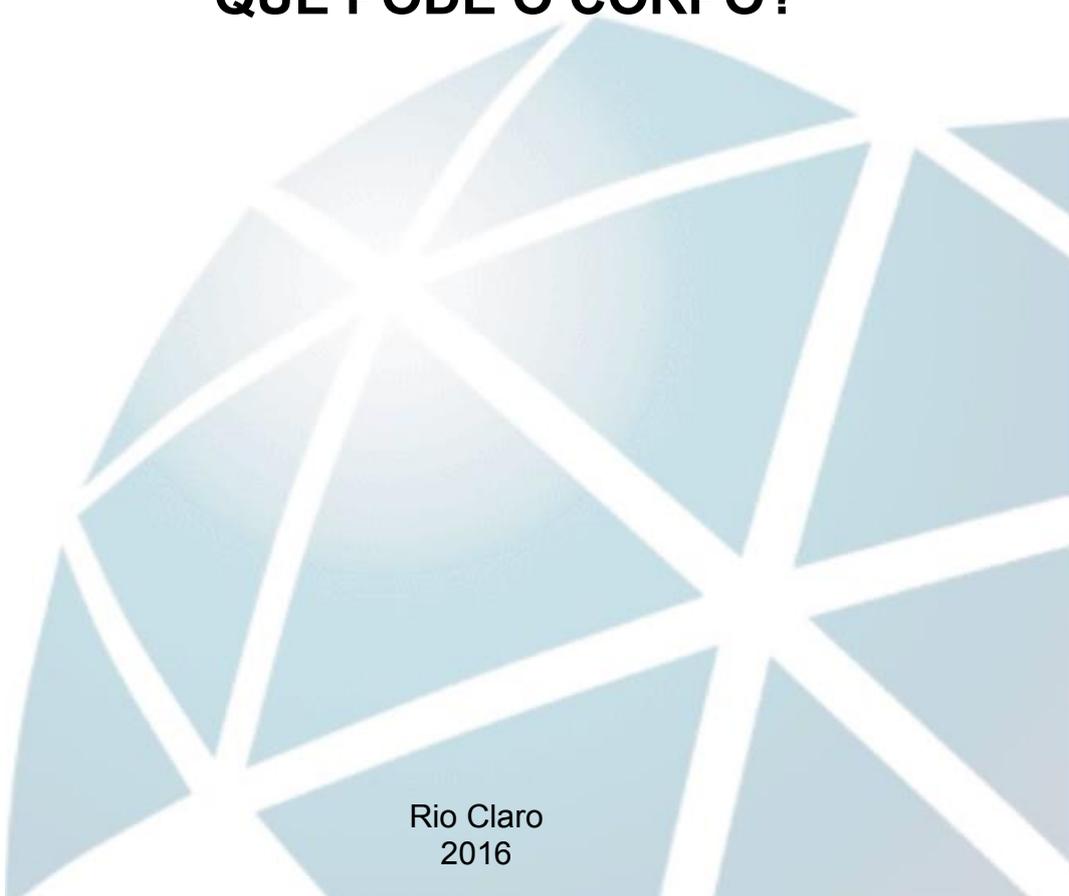
---

**CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

---

**YASMIN PALULIAN MACCARI**

**SEXUALIDADE EM CENA NAS  
PRÁTICAS CORPORAIS E ARTÍSTICAS: O  
QUE PODE O CORPO?**



Rio Claro  
2016

**Yasmin Palulian Maccari**

**Sexualidade em cena nas práticas corporais e artísticas: o que  
pode o corpo?**

**Orientador: Prof. Dr. FLÁVIO SOARES ALVES**

**Co-orientador: Prof. Dr. CARLOS JOSÉ MARTINS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de Bacharela e Licenciada em Ciências Biológicas

Rio Claro  
2016

612.6 Maccari, Yasmin Palulian  
M123s Sexualidade em cena nas práticas corporais e artísticas : o  
que pode o corpo? / Yasmin Palulian Maccari. - Rio Claro,  
2016  
61 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura e  
bacharelado - Ciências biológicas) - Universidade Estadual  
Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro

Orientador: Flávio Soares Alves  
Coorientador: Carlos José Martins

1. Educação sexual. 2. Arte educação. 3. Subjetividade. 4.  
Sensibilização. I. Título.

*Dedico este trabalho a todas as pessoas  
que como eu procuram buscar formas de  
transformar o mundo em um lugar mais  
justo e igualitário.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe, uma mulher muito forte, que sempre me ajudou a segurar a barra em todos os momentos mais difíceis quando eu pensei em desistir ou surtar, sem ela provavelmente eu nem estaria terminando a graduação. O meu pai por sempre me motivar nos meus caminhos, fazendo acreditar que todas as minhas escolhas são possíveis de serem concretizadas. E todo o resto da minha família que sempre ajudou em pequenos detalhes que foram imprescindíveis para minha jornada em Rio Claro.

Agradeço ao meu orientador que me deu muita liberdade e conhecimento dentro dessa minha ideia (além da paciência que ele teve), ajudando a concretizar algo que para mim é mais que um trabalho de conclusão de curso, é um estudo sobre o que eu acredito e defendo.

A Cia Éxciton e o Coletivo Calisto por terem me ajudado a encontrar os caminhos para me encontrar academicamente, se esta ideia de TCC surgiu foi por conta de tudo que vocês me proporcionaram, sendo sempre meu cantinho seguro onde sempre teria alguém topando uma experimentação maluca.

As pessoas que moraram comigo, foi sempre bom ter vocês por perto para debater comigo as milhares de epifanias que eu tinha nos momentos mais improváveis.

Aos meus amigos, sejam eles os mais próximos ou os que já passaram, o compartilhamento das experiências com vocês foi essencial na construção da pessoa que eu sou hoje.

Aos meus amores que puderam partilhar parte disso comigo, colocando um pouco mais de paixão e alegria nos meus dias e dividindo comigo as dores, anseios e dúvidas fazendo com que todo esse processo fosse mais leve e reconfortante.

Agradeço infinitamente de coração aos voluntários que participaram das oficinas do meu trabalho, pois sem eles isso jamais iria acontecer.

Optei por não colocar nome de ninguém aqui pois acredito que todas as pessoas que foram importantes nesse processo estão cientes disso.

*Gratiluz!!!*

*“A Igreja diz: O corpo é uma culpa.  
A ciência diz: O corpo é uma máquina.  
A publicidade diz: O corpo é um negócio.  
O corpo diz: Eu sou uma festa.”*

(Eduardo Galeano)

## RESUMO

Ao longo de toda vida passamos por processos de disciplinação e vigilância que podem vir a modelar como devemos nos portar e nos expressar socialmente. Nas tramas deste poder sobre o corpo não reconhecemos nossas próprias forças, mas a sensibilidade, no entanto, escapa ao controle insistindo como força de criação e resistência. É a experiência diferencial com o corpo, nas suas mais diversas modalidades ligadas a criação, arte e experimentação quem nos avisa sobre este escape. O objetivo deste trabalho é investigar como práticas corporais podem apresentar vias de acesso a essa sensibilidade, enaltecendo ainda mais as formas de resistência as docilizações dos corpos. A Educação Sexual é o contexto, em meio ao qual mergulhamos nesta investigação, tendo em vista que essa área de conhecimentos acaba por ser um espaço para operar a disciplinação e vigilância sobre os corpos. A abordagem metodológica adotada teve um caráter descritivo, desenvolvido a partir de princípios da pesquisa-intervenção. Foram três oficinas (intervenções com práticas corporais e artísticas) junto a um grupo de universitários. A partir dessas oficinas criou-se um campo de discussões em grupo acerca das práticas desenvolvidas, além de entrevistas. Também foram feitos diários de campo, nos quais foram registrados impressões acerca das vivências coletivas partilhadas. Para movimentar esse exercício investigativo buscamos suporte no princípio da cartografia, assim, ancoramo-nos nas intensidades e sentidos disparados pelas práticas para verificar como a Educação Sexual funciona a favor da sensibilidade, ao se constituir na composição entre conteúdos clássicos e conteúdos advindos dos exercícios da sensibilização, que reclamam pelo corpo e pelo movimento para se efetivar.

Palavras-chave: Educação Sexual. Práticas Corporais. Subjetividade. Sensibilização

## **ABSTRACT**

Throughout our whole life we go through disciplinary processes and surveillance that could come to model the way we should behave and express ourselves socially. On the plots of this power over the body we don't recognize our own strength, but the sensibility, however, escapes from control, insisting as a creativity and resistance force. It's the differential experience with the body, in its most diverse arrangements linked to creation, art and experimentation that warns us about this escapement. The main goal of this work is to study how body practice can introduce access ways to this sensibility, extolling even more the forms of resistance to docilization of the body. Sexual Education is the context, in which we delve in this investigation, in view that this knowledge area ends up being a place where body vigilance and discipline are operated. The adopted methodological approach had a descriptive character, developed from research-intervention principles. There were three workshops (corporal practice and artistic interventions) with a group of university students. From these workshops was created a group discussions field about the developed practices, and interviews. Were also made field diaries, in which were recorded impressions on the shared collective experiences. To move this investigative exercise we seek support on the principle of cartography, this way, we anchor on the intensities and feelings triggered by the practices to verify how Sexual Education works in favor of sensibility, by constituting in the composition between classic content and content originating from sensitization exercises, that complain for the body, and for the motion to be effective

**Keywords:** Sexual Education. Body practices. Subjectivity. Sensitization.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. OBJETIVOS.....	14
3. METODOLOGIA.....	15
4. CAPÍTULO I.....	17
1-Educação em Sexualidade.....	17
2-Práticas Corporais.....	21
5. CAPÍTULO II.....	37
1.Análises: um tear discursivo.....	37
1.1-Auto conhecimento.....	37
1.2-Visão.....	42
1.3-Contato.....	46
9. CONCLUSÃO.....	52
10. BIBLIOGRAFIA.....	57



## 1-INTRODUÇÃO

Desde o início de nossas vidas sofremos influências das construções sociais que muitas vezes normatizam como devemos ser, como devemos nos expressar e até mesmo como deve ser a forma de nossos corpos. Os processos educacionais, nos quais somos submetidos ampliam a intensidade destas construções, fazendo-nos acreditar que viver se resume a se adequar, apagando cada vez mais formas de rebater essas normatizações.

O que pode o corpo? Somos testemunhas de nosso potencial de adequação e adaptação, mas seria muito mesquinho reduzir a potência do corpo a essa capacidade normativa!

É no bojo desta questão que se insere as intenções desta pesquisa. Para contextualiza-la parto de minha própria vivência na formação acadêmica em Ciências Biológicas e deste ponto de partida problematizo: mesmo na Biologia, enquanto área de conhecimento que pretende falar sobre corpo e suas potencialidades, a visão é estritamente higienista e biológica impressa nos conhecimentos adquiridos em grande parte desta formação.

Enquanto futuros professores de Biologia, fomos capacitados a pensar que corpo é um amontoado de células e órgãos que reproduzem funções das mais diversas ordens. Parte daí nosso ponto de vista sobre a “*bios*”: a vida. O problema é que nem tudo que diz respeito a vida pode ser explicado por este ponto de vista. Para muitas coisas precisamos reconhecer, por exemplo, que somos um rascunho em busca de algo melhor, ou seja, criamos funções (experiências) que não podem ser determinadas de forma racional e objetiva e que, portanto, são eternos rascunhos que se reatualizam sempre a cada nova experiência vivenciada, dando movimento à vida.

Mesmo assim, a educação insiste em reduzir o potencial do corpo, transformando-o em um conjunto de sistemas. A Biologia e as ciências médicas se ocupam em minimizar o corpo em sistemas fisiológicos, assim, conhecendo o funcionamento desses sistemas podemos entender como os corpos se mantêm vivos. Criam-se, assim algumas dicotomias (corpo e mente, físico e psíquico, razão e emoção) que nos impedem de perceber o corpo como uma multiplicidade em

constante mudança, com isso, não importam as experiências, mas sim o que se pode determinar e conhecer sobre elas.

Se quisermos saber mais sobre o corpo é preciso voltar à experiência e se ancorar nela para perceber o corpo (e seu potencial) de outra forma, segundo a luz de outros pressupostos não necessariamente biológicos, mas, por exemplo, culturais. O excerto abaixo ajuda-nos a reiterar essa ideia:

[...] Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação e de seus gestos...enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem (GOELLNER.S.V. , 2003, p-29).

Essa forma puramente biológica que carregamos passa a ser somente uma “máquina de carregar o cérebro”, e quanto mais a visão desse corpo fica fragmentada e reduzida, mais facilmente ele é secundarizado e disciplinado.

Para Foucault (2003) ainda é uma barreira muito grande a discussão do corpo como um produto de uma cultura em uma determinada época e local, pois toda a movimentação, expressão, jeito de lidar com esse corpo em um ambiente, vem de saberes e conhecimentos que advém de cada uma dessas eras e que resultaram muitas vezes em formas de disciplinar e lidar com esse corpo por meio de regras, limitações e obrigações colocadas pelas mais variadas instituições que formam a sociedade de cada época, visando docilizar e potencializar esse corpo para um fim específico. A partir dessa ideia podemos dizer então que repensar o corpo e buscar as diversas possibilidades do mesmo implica em pensar sobre a sexualidade e sobre o cerco culturalmente referido a ela, pois tal cerco reflete diretamente na forma como encaramos as regras e convenções da existência, sobre nós mesmos e os que nos cercam.

Corpo e sexualidade, portanto, estão estritamente ligados, assim, compreender os modos como os corpos são docilizados implica em pensar sobre como isto afeta à sexualidade. Como resistir a essa situação?

Essa pesquisa apostou no potencial das práticas corporais e artísticas na dissolução desse cerco à sexualidade. Como exercícios de sensibilização e experimentação corporal, atividades teatrais, jogos de improvisação, trabalhos com

contato criatividade e atividades expressivas individuais e em grupo podem contribuir na diversificação e qualificação dos modos através dos quais os sujeitos olham e lidam consigo mesmos?

Tal questionamento tem uma dimensão educacional intimamente ligada ao exercício da subjetividade, ou seja, ligada à preocupação de colocar os corpos em movimento, em detrimento da imobilidade a eles imposta nos processos educacionais tradicionais, pautados por intencionalidades que acabam por docilizar esses corpos.

Quando a Biologia, por exemplo, se preocupa excessivamente em reiterar a visão higienista sobre o corpo e a sexualidade em seus processos educacionais, ela enfatiza os “certos” e “errados”, que acarretam não somente a um julgamento de si mesmo, como também julgamentos dos outros. Isso reforça as limitações, ou seja, muito mais que as potencialidades (por vir no devir dos relacionamentos), somos levados a se preocupar com o que é devido e moralmente aceito no âmbito da sexualidade.

Pensando assim, atualmente existe uma forte necessidade de se repensar, em termos educacionais, como se trabalhar com a sexualidade, na busca de uma expansão de seus horizontes educacionais. É preciso quebrar o mito que a sexualidade se remete somente ao sexo reprodutivo! A sexualidade diz respeito à vida e à qualidade dos relacionamentos, seja no âmbito de si para consigo, no âmbito de si para com os outros, ou o próprio ambiente, pois ela se dá no corpo que é o agente que despoja o exercício da sexualidade em pleno exercício do viver. É através do corpo que os processos de subjetivação vão sendo forjados, portanto, se não movimentamos nossa sexualidade não damos movimento ao viver. É por isso que toda a discussão acerca da sexualidade precisa considerar também o movimento corporal, sem o qual os conteúdos da educação sexual viram pura teoria sem poder de mobilização e efetiva aprendizagem.

Em uma sociedade, viciada em enxergar a vida sob a ótica normatizadora que alimenta os processos de disciplinação e docilização dos corpos é necessário que a Educação Sexual possa se apresentar como um canal possível de experimentação de outros modos de existência, nos quais é possível expandir as potencialidades corporais passado assim a expandir também a forma de ver e pensar o mundo. Passando a educar o corpo de uma forma diferenciada, existe a possibilidade de

descoberta de novos corpos, mais autônomos e mais predispostos à composição de respostas (sempre por vir) à questão: “Que pode o corpo?”.

Para compreender a Educação Sexual nestes termos é preciso experimentá-la de outros modos, nos quais se dê vazão à plena escuta e atenção ao corpo, isso implica, aos olhos desta pesquisa, em incluir o movimento, a criatividade e a expressão corporal nas práticas educacionais.

Surgem destas ideias os pressupostos que alimentam o exercício investigativo assumido por esta pesquisa.

## 2-OBJETIVOS

### 2.1. Objetivos Gerais

- Contextualizar o ensino da Educação Sexual, considerando sua tendência higienista e biologicista tanto na formação acadêmica quanto na atuação educacional;
- Estudo de práticas corporais ligadas ao exercício da sensibilidade, da expressão e da criatividade;
- Realização de vivências (oficinas) de práticas com universitários interessados em discutir sobre sexualidade e educação;
- Mapeamento dos movimentos constituídos entre pesquisador e participantes nas oficinas realizadas (descrição das vivências e discussão das reflexões sobre corpo e sexualidade constituídas a partir das oficinas);

### 2.2. Objetivos Específicos

- Compreender práticas corporais e artísticas como práticas ligadas ao exercício da sensibilidade que levam a um olhar e sentir diferentes que afetam nossa experiência de si e de mundo;
- Verificar como a experiência com a sensibilidade, constituída na vivência junto às práticas corporais e artísticas podem contribuir para potencializar processos educacionais mais atentos ao corpo e à sexualidade;
- Verificar como a experiência com a sensibilidade, constituída na vivência junto às práticas corporais e artísticas podem dar vazão a uma sexualidade mais autônoma e resistente;
- Ampliar o campo de discussões acerca da educação sexual de modo inter e transdisciplinar, tentando dissolver as dicotomias que reservam a área de conhecimentos da Biologia em uma esfera alheia ao campo das práticas corporais e artísticas;

### 3-METODOLOGIA

A abordagem metodológica adotada nesta pesquisa teve um caráter descritivo desenvolvido a partir de princípios da pesquisa-intervenção. A pesquisadora realizou três oficinas (intervenções com práticas corporais e artísticas) junto a um grupo de universitários da Universidade Estadual Paulista – Instituto de Biociências – Campus de Rio Claro. Esse grupo (com cerca de 10 a 15 universitários) já está inserido em discussões sobre sexualidade em outros espaços, sendo estes acadêmicos ou não.<sup>1</sup>

As oficinas foram previamente agendadas com todos os possíveis participantes, sendo o número e duração das mesmas uma escolha coletiva. Após as práticas a pesquisadora atuou como facilitadora na instalação de discussões acerca das impressões registradas com a prática. Essas discussões aconteceram em rodas de conversa que contaram com a participação de todos os envolvidos. Posteriormente à prática, deixamos em aberto a possibilidade de ocorrer entrevistas individuais com os participantes, a depender dos interesses e disponibilidades individuais. Nestas entrevistas o objetivo foi aprofundar as discussões iniciadas nas rodas de conversa e, ao mesmo tempo, oferecer um espaço mais privado aos entrevistados que os deixavam mais à vontade na exposição de suas ideias e sentimentos, evitando eventuais constrangimentos decorrentes da exposição feita em grupo.

As oficinas duraram cerca de 3 horas, seguidas de discussões com um tempo aproximado de 30-60 minutos. As rodas de conversa funcionaram como entrevistas em grupo focal e foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas na íntegra.

As rodas de conversa partiram de um roteiro de questões semiestruturadas conforme a temática da oficina.

Ao longo de toda a fase de campo da pesquisa, a pesquisadora manteve o registro de diários da pesquisadora, nos quais relatou as próprias impressões acerca do que viu e vivenciou junto a seus pesquisados. Esses registros de diário

---

<sup>1</sup> Utilizou-se como critérios para seleção dos participantes desta pesquisa: ser universitário da Unesp de Rio Claro e já ter um conhecimento teórico acerca de sexualidade, ou que, ao menos se interesse por esse assunto a ponto de querer experimentar vivências acerca deste tema. Os participantes foram rastreados dentro de grupos de pesquisa, coletivos e disciplinas que trabalham com a temática da sexualidade e corpo.

comportam informações das mais diversas, envolvendo desde o registro de sensações, emoções e sentidos, até a descrição objetiva dos procedimentos efetivamente constituídos durante a intervenção (ALVES, 2013).

Optamos por esses procedimentos investigativos tendo em vista que proporcionam a possibilidade de dobrar o exercício da pesquisa sobre a experiência de cada indivíduo, com isso, nos ancoramos no real – tal como sugere o princípio da cartografia DELEUZE, (1995) – para movimentar aí o exercício investigativo, colocando pesquisador e pesquisados em um mesmo plano de composição da realidade estudada.

Interessou-nos valorizar a experiência forjada na coletividade, onde se dá valor à experiência única de cada participante. Assim, escapamos do compromisso de se forjar uma verdade supostamente absoluta, dada por um pesquisador que, supostamente, tendo a ciência a seu lado, tem o poder de instaurá-la.

Muito mais que saber uma verdade absoluta, buscamos experimentar e mapear os movimentos dessa experimentação. Para tanto, foi preciso se colocar dentro desse campo de investigação sabendo que, como pesquisadora afetaria os participantes mas também, do mesmo modo, seria afetada por eles e nesse campo de envolvimento e afetos a pesquisa foi sendo composta, como exercício de invenção e co-autoria (PASSOS et al. 2009).

Assumir esse tipo de investigação implicou na necessidade de abandonar a relação de oposição e assimetria que localiza e distingue o pesquisador do pesquisado, em função da instalação de outra relação que tende à horizontalidade das forças que se colocam em relação na pesquisa. Tal horizontalidade só se instala em um clima de empatia, entusiasmo e informalidade que dissolve a autoridade do pesquisador, despojando-a em ação de mútua troca e plena coletividade (PASSOS et al. 2009).

Com esse tratamento investigativo interessou-nos buscar uma discussão que ultrapasse a visão higienista e biológica dada à sexualidade no âmbito educacional, desta forma, esperamos atrelar a questão educacional aqui em foco a questões existenciais que colocam em cena os processos de subjetivação na contemporaneidade. Neste enfoque iluminam-se questões políticas, éticas e estéticas que permitem a colocação de uma discussão crítica sobre a educação sexual na atualidade.

## 4.CAPÍTULO I

### 1. Educação em Sexualidade

Muitas vezes, dentro da sociedade em que nos encontramos temos a impressão de que sexo, ou qualquer questão ligada à sexualidade, passa longe da escola, tendo em vista que é uma temática cercada de “tabus”. Tal impressão é um mero engano, pois o sexo e a sexualidade está no centro das formas discursivas constituídas no espaço escolar, assim nos ensina Foucault:

[...] seria inexato dizer que a instituição pedagógica impôs um silêncio geral ao sexo das crianças e dos adolescentes. Pelo contrário, desde o século XVIII ela concentrou as formas do discurso neste tema; estabeleceu pontos de implantação diferentes; codificou os conteúdos e qualificou os locutores. Falar do sexo das crianças, fazer com que dele falem os educadores, os médicos, os administradores e os pais; ou, então, falar de sexo com as crianças, fazer falarem elas mesmas, encerrá-las numa teia de discursos que ora se dirigem a elas, ora falam delas, impondo-lhes conhecimentos canônicos ou formando, a partir delas, um saber que lhes escapa – tudo isso permite vincular a intensificação dos controles à multiplicação dos discursos. A partir do século XVIII, o sexo das crianças e dos adolescentes passou a ser um importante foco em torno do qual se construíram inúmeros dispositivos institucionais e estratégias discursivas (FOUCAULT, 2015, p. 33).

Tal constatação pode surpreender a muitos, mas basta observar, sem muito esforço, o tratamento superficial, normativo e biologicista, muitas vezes dado à educação sexual nas escolas para confirmar que este tratamento é, na verdade, uma estratégia discursiva que sustenta a sexualidade no centro das preocupações escolares.

Visto deste modo, é possível evidenciar a visão parcial, limitada e limitante que é conferida ao sexo no contexto educacional. A sexualidade como uma temática transdisciplinar, ou seja, como um tema que vai além de qualquer disciplina escolar, visto que a sexualidade não só acompanha os indivíduos durante suas vidas, mas enquanto prática ajuda a compor modos de existir. Sendo assim, todas as disciplinas da escola deveriam de certa forma abordar o assunto, porém isso não ocorre, haja vista que a formação básica nas licenciaturas não prepara os professores para lidar com este assunto.

Como análise preliminar percebe-se que a sexualidade na forma curricular parece estar fadada a se engrenar na escola unicamente dentro de parâmetros restritos que insistem em tratar do tema sob os termos do conhecimento biológico. Confirmando os rumos desta engrenagem restrita, a própria formação superior em Biologia não parece se preocupar em dar outras dimensões ao tema além do enquadre biologicista já instalado. Prova disto é que muitos cursos de graduação em Biologia, particularmente aqueles voltados à formação do licenciado não possuem uma disciplina voltada para educação sexual. Vez ou outra, quando esta temática aparece, ela é tratada de forma empírica e positivista, o que reforça a produção de um conhecimento higienista e fisiológico que deixa de fora discussões que escapam a estes termos.

Para atestar essa injunção dobro-me sobre minha própria formação em Biologia na Unesp de Rio Claro. De certo modo, a excelência desta instituição de ensino superior e sua importância no âmbito nacional ajuda a validar o teor aparentemente limitado destas afirmações aqui levantadas. As poucas vezes que estudamos sobre educação sexual, percebi que tais estudos geravam discussões fragmentadas, tratadas de forma superficial em aulas de anatomia, embriologia, genética e fisiologia. Nestas discussões, estava em jogo a necessidade de se enquadrar a sexualidade na dicotomia entre o certo e o errado, entre o normal e o anormal, como consequência, fomos levados a reconhecer padrões comportamentais, categorizando-os como corretos, quando considerados “naturais”, aos olhos deste conhecimento estritamente biológico. Desta forma, minha formação acadêmica foi despejando sobre nós alunos, um discurso normativo que pretendia ser suficiente para dar conta das demandas do ensino da educação sexual.

Se não fosse meu interesse pessoal em saber mais sobre o tema e ir além do básico, certamente não seria capaz de enxergar que a sexualidade para além do discurso normativo, ou ainda, não seria capaz de perceber como o discurso normativo funciona como estratégia para afinar meus conhecimentos dentro dos domínios daquilo que é considerado “normal”. Segundo Altmann & Martins (2007):

“O discurso normalizador é aquele que estabelece o que é normal e o que é anormal. Via de regra, em nossas sociedades, o discurso normativo opera naturalizando o que ele visa estabelecer como normal e desnaturalizando o que quer considerar anormal. ”Isto não é normal” e ”Isto não é natural” são expressões corriqueiramente utilizadas como sinônimas. Para tanto, em nossos dias, tal discurso

procura se apresentar como científico, uma vez que a ciência represente entre nós o modelo por excelência da verdade. Por conseguinte, serão as ciências da natureza – a biologia, a fisiologia, a anatomia, etc. e mais recentemente a genética -, a emprestar seu modelo para abastecer o discurso da normal” (p.6).

Tal discurso normativo, no entanto, está longe de ser suficiente para atender as demandas do ensino. Alguns indicativos ajudam-nos a reiterar essa ideia, como o aumento no número de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's), incluindo aumento nos casos de AIDS em adolescentes e jovens. Mas além desse indicativo epidemiológico, somamos outros que não só apontam para essa insuficiência, mas também operam para a sustentação hegemônica deste discurso normativo no contexto de estudos da Educação Sexual. Como exemplo, citamos as pesquisas sobre Imagem Corporal.

São frequentes os estudos sobre essa temática que afirmam haver um descontentamento dos indivíduos acerca de seus corpos quando comparados com padrões idealizados (corpos “sarados”, esbeltos e bonitos), como consequência desse descontentamento, esses estudos reforçam o peso do sofrimento e dos ressentimentos que se configuram na face de inúmeros transtornos (como os alimentares e os psicológicos) que acabam muitas vezes por afetar a composição das identidades e a qualidade de vida.

Será que a Educação Sexual não poderia oferecer aos indivíduos uma postura mais crítica acerca desse exercício comparativo? Será que não há outra forma de educar (e de produzir pesquisa) que não seja através de parâmetros comparativos e hierárquicos que mantêm nossa percepção sob os termos da “normalidade”? As questões são polêmicas e não parecem se sustentar só no âmbito da produção de conhecimentos, as pessoas parecem se apegar sobre essas comparações que dão valor e sentidos reduzidos à existência.

Muitos jovens e adolescentes, por exemplo, ao sentirem que sua sexualidade destoa do que é considerado normal e natural, têm dificuldades de aceitar e assumir sua própria sexualidade. Isto é fato! E para piorar esse fato, o clima de intolerância ajuda a fortificar essa repressão, o que reforça o peso do sofrimento e dos ressentimentos decorrentes do cerceamento das expressões individuais, assim, face a parâmetros comparativos, os indivíduos se veem sem saída e sem autonomia sobre a expressão da própria sexualidade, presos na teia do discurso normatizante.

Como a Educação Sexual pode ajudar esses adolescentes e jovens a perceber as armadilhas do discurso normativo?

Acreditamos que uma estratégia possível para escapar dessas armadilhas é apostando na experiência. Enquanto prática, a sexualidade pode ser vista também como construção subjetiva e social que evidencia outras modalidades de conhecimento acerca desta temática que deixam à mostra a experiência única, individual e coletiva dos sujeitos na composição de seus modos de ser e existir.

Mas como introduzir a dimensão da experiência na educação sexual? O trabalho com práticas corporais pode ser uma alternativa interessante, uma vez que introduz o corpo em movimento na prática educativa, deixando margem para a expressão das sensibilidades que dão vez, cor e voz às diferentes expressões da sexualidade do contexto educacional. Mas o que são práticas corporais? Do que se trata? Na próxima seção iremos nos deter nestas questões.

## 2. Práticas Corporais

As práticas corporais envolvem as mais diversas atividades passando das mais experimentais – de cunho criativo e inventivo – até as atividades esportivas – de cunho regulamentar, performático e competitivo. Dentro desse trabalho focamos nas práticas experimentais que valorizam a sensibilização, a criação, com isso, abrimos a possibilidade de trabalhar outras condições da existência, mais favoráveis ao exercício da espontaneidade, da invenção e da liberdade. Para tanto, foi preciso entender a fundo a noção de práticas corporais. Esta seção se ocupa justamente deste entendimento, como segue:

### 2.1. Delimitação conceitual

O conceito de práticas corporais é bastante amplo e aparece de diferentes modos em várias áreas do conhecimentos, como na Educação Física, na Psicologia nas Artes, na Medicina, na Sociologia, na Saúde Coletiva, dentre outras. Para delimitar nosso campo investigativo, buscamos uma noção de práticas corporais a partir da leitura de Silva (2007). Segundo esse autor, as práticas corporais se desprendem de um fim “unicamente utilitarista”, como resultado possibilitam a experimentação de *“outras dimensões poucos exploradas, como as emoções, as relações com o outro, com os elementos da natureza...”* (2007, p.23-24). Como resultado desta complexa experimentação, as práticas corporais retomam *“possibilidades sensíveis esquecidas, possibilidades, essas, que podem fornecer outros registros a partir do qual o sujeito pode se reconstruir”* (2007, p. 23-24).

Vale lembrar que quando estamos falando desse tipo de prática, ligada ao sensível, estamos pensando dentro de um quadro conceitual diferente daquele definido pela noção de “atividade física”, na qual está em jogo a movimentação corporal que gera gasto calórico e perda de peso (CARVALHO, 2004). Assim, enquanto prática de gasto calórico e perda de peso, a noção de “atividade física” se alinha com o discurso biologicista que apreende unicamente os benefícios fisiológicos decorrentes da ação de se movimentar. Como decorrência desta forma unilateral de observação do corpo em movimento, a prática vira produto de mercado e consumo, afinando nossa percepção dentro de parâmetros restritos que tentam disciplinar nossas relações com o mundo e, conseqüentemente, nossas relações

com o corpo em movimento e nosso entendimento sobre práticas de promoção da saúde (DAMICO e KNUTH, 2014).

Segundo Damico e Knuth, a nossa noção de saúde e práticas de cuidado não são naturais, ou seja, elas se constroem e se modificam ao longo do tempo permeadas pelas relações de poder. Vendo por esta ótica a noção de “atividade física” ajuda na manutenção dos discursos ideológicos e das concepções disseminadas no âmbito social, pois afirmam e reafirmam o poder que formas e imagens ideais têm sobre nós. O mesmo pode ser dito quanto aos padrões de saúde e beleza e modos de vida saudáveis que são ostensivamente preconizados e aos quais devemos obediência, caso queiramos se adequar às ideologias vigentes.

As práticas corporais das quais nos referimos nessa pesquisa nada têm a ver com esse quadro ideológico instalado, pois seguem na contramão delas, tentando se esquivar do processo de normatização e regulamentação definido sob os termos das “atividades físicas”, e é por isso mesmo que a noção de práticas corporais resiste a uma definição única e cabal, pois teme se acomodar também como discurso ideológico que restringe valores e significados à categorias possíveis de ser (GONZALES, 2015).

Ampliando ainda mais essa injunção, que tende a tratar práticas corporais sob os termos das “atividades físicas”, estão as demandas da sociedade capitalista neoliberal, que insiste em se apropriar de tudo e de todos para transformá-los em produto de mercado e consumo. Assim, enquanto mercadoria, os valores, sentidos e significados das práticas ficam à *mercê* da economia e são moldados por ela. Como consequência, nós, consumidores, adotamos certo regime de utilização destas mercadorias, que, em última análise disciplinam e restringem nossos modos de ser e agir. Tendo em vista esse contexto, somos enredados pelos ideais vigentes e aprendemos a necessitar desesperadamente deles como se não houvesse sentido na vida sem o consumo destas mercadorias. Afinando nossas existências neste nível perceptivo dominado pelas ideologias, deixamo-nos ter um corpo idealizado ao invés de simplesmente ser (DIEGUEZ, 1985).

Não é fácil se esquivar desta injunção, pois somos massivamente atacados por ela em todas as esferas da vida, mas neste trabalho, convém salientar, desde já, que a ideia não é procurar meios de esquiva que sustentem conceitualmente uma possibilidade de dissolução dos discursos ideológicos, pois sabemos que, de uma forma ou de outra, o dito e o escrito se transformam em mercado, produto e

consumo. A ideia aqui é se ocupar com as práticas, ou seja com o movimento propriamente dito e com aquilo que foge às regularidades no exercício do “se movimentar”.

Para tanto, precisamos nos deixar levar pelas trilhas do intensivo e pela alegria de se reconhecer como agente ativo e criativo de nossos próprios modos de ser e agir. Tangenciamos esse nível de movimento (aberto ao intensivo) quando afinamos nossos níveis perceptivos nos elementos propriamente corporais, aqueles, os quais podemos controlar (ou mesmo intervir), convertendo nossa atenção sobre aquilo que é inegavelmente nosso: o corpo e as relações sensíveis que se desdobram deste corpo próprio<sup>2</sup> (PONTY, 2011; GONÇALVES, 2013).

É certo que tangenciamos com frequência esse nível perceptível ao longo de nossas vidas. Uma dose de sincera alegria e espontâneo entusiasmo, por exemplo, podem dar uma mostra deste corpo próprio em ação, o problema é que somos tão fortemente ligados a outros domínios perceptivos – como aquele que enreda nossas vidas sob os parâmetros econômicos, políticos e culturais – que damos pouco valor a essa alegria furtiva e esquecemos que, muitas vezes, é esse furtivo que nos alerta de que ainda estamos vivos e que, diferente do que entende as demandas da vida, somos seres humanos e não máquinas que reproduzem padrões e modos de ser.

Para ampliar esse espectro que pensa as práticas corporais como práticas que possibilitam um retorno ao corpo próprio, buscamos na categorização das práticas corporais realizada por Gonzales (2015) uma pista. Segundo este autor, é possível encontrar oito diferentes categorias de práticas corporais: práticas esportivas, dança, práticas corporais expressivas, exercícios físicos, práticas corporais introspectivas, jogos tradicionais, populares e construídos, acrobacias e práticas corporais na natureza (2015, pp.139-144).

Dentre essas práticas listadas, interessa-nos aquelas que nos permitem dar mais ênfase ao movimento da introspecção, a prática da criação, da expressão e da arte. São elas as práticas corporais introspectivas, as práticas expressivas e a dança.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> A noção corpo próprio escapa ao tratamento objetivista da ciência; foge ao mecanicismo da fisiologia e da afirmação do corpo como um fato psíquico em benefício de um corpo que é no tempo e no espaço; que está ligado a um mundo pela intencionalidade; que descobre e confere sentido ao que o rodeia, é um corpo como uma unidade em um nó de experiências (DOURADO, 2004)

<sup>3</sup> Convém lembrar que as outras práticas corporais, de certo modo também possibilitam esse retorno da atenção sobre si, no entanto, por terem outros fins e propósitos, essa atenção se dilui. As práticas corporais da natureza são um exemplo disso. Não é difícil encontrar pessoas que praticam arborismo,

Segundo Gonzáles, as práticas introspectivas são práticas ligadas a movimentos suaves, muitas vezes dando aparência de imobilidade como determinada postura ou exercícios de respiração consciente, voltadas para obtenção de uma maior consciência corporal, como consequência da atenção prestada às sensações somáticas produzidas por essas ações (GONZÁLES, 2015).

A dança é caracterizada por movimentos rítmicos, organizados em passos em evolução específica, muitas vezes integrados em coreografias, podendo ser trabalhado tanto individualmente quanto coletivamente (GONZÁLES, 2015).

Já as práticas expressivas são práticas similares a dança, porém sem coreografia ou passos decodificados, usa-se diferentes recursos expressivos do corpo e o movimento para produzir e comunicar ideias (GONZÁLES, 2015).

## 2.2. As práticas corporais no contexto da Educação Sexual

Depois desta delimitação conceitual acerca das práticas corporais, temos um entendimento maior sobre esse assunto, o que nos habilita a pensar as práticas que mais se aproximam das intenções investigativas desta pesquisa. Interessa-nos se aproximar das práticas corporais que permitam uma maior valorização do corpo próprio, das sensibilidades, das expressões e criações forjadas ao tomarmos consciência deste corpo próprio. Assim, amparados por esta intenção investigativa apostamos em um avanço nos estudos sobre Educação Sexual no qual colocamos em cena o corpo em movimento como estratégia para se esquivar das teorizações sobre o corpo que tendem as imobilizações do corpo.

Para esta pesquisa, o corpo em movimento no ensino da Educação Sexual é a prática que impede com que o ensino caia na ilusão da redundância conceitual, onde não vamos a lugar nenhum, mas apenas reforçamos a dimensão tecnicista e bancária do conhecimento, que insiste em manter a Educação Sexual dentro de parâmetros higienistas e biologicistas que pouco, ou quase nada, acrescentam àqueles que querem saber mais sobre a própria sexualidade.

---

por exemplo, e veem nesta relação com a natureza uma forma de entrar em contato consigo mesmo. Esse adendo é importante para retornar à questão levantada por Gonzáles (2015) quanto à dimensão arbitrária da categorização das práticas corporais. Tais práticas insistem em resistir aos movimentos da categorização, pois na definição das categorias corre o perigo da restrição dos valores e significados.

Muito mais que a conceitualização, portanto, optamos pela ação e pelo movimento discursivo que se desdobra da prática, como esforço de invenção na escrita dos encontros desencadeados na ação efetivamente constituída, enquanto exercício de intervenção. Por isso, assumimos uma prática de pesquisa intervenção, na qual colocamos em prática conceitos e conhecimentos para perceber seus alcances na realização de oficinas de sensibilização corporal.

Como suporte teórico, buscamos por alguns autores chaves que nos dão elementos para pensar e elaborar essas práticas. A seguir passamos a apresentar brevemente cada um desses autores e seus estudos/obras de interesse para esta pesquisa:

- Laban e a linguagem dos movimentos: Segundo Laban (1978) os movimentos e gestos que um espaço/situação estimulam, são formas do humano expressar e comunicar algo de seu ser interior. Com isso ele deve tomar consciência dos padrões que seus impulsos criam, aprender a desenvolvê-los, remodelá-los e usá-los, podendo assim ter um maior conhecimento de si ligado as gestualidades de seu corpo. Este maior conhecimento de si é constituído na experiência de movimento, ou seja, nas práticas de pesquisa e exploração das possibilidades de movimento corporal que, por sua vez, acontecem nos laboratórios de expressão corporal;
  
- A autoeducação em Feldenkrais: Na introdução do livro de Feldenkrais, intitulado, “A consciência do Movimento” (1977), esse autor nos fala sobre a autoeducação. Segundo esse autor a autoeducação não se ensina, mas se cultiva como prática da existência, sua prática retoma o desenvolvimento orgânico-psicológico aproveitando ao máximo o potencial das habilidades pessoais. O autoconhecimento e o auto-aproveitamento são promovidos através da reaproximação da pessoa à experiência concreta de si mesma e de seu corpo, os efeitos terapêuticos surgem naturalmente em decorrência desse aprendizado orgânico, visto que muitos distúrbios físicos e mentais são consequência da alienação corporal, uma forma de distanciamento da experiência concreta e da vitalidade espontânea;

- A terapia corporal como meio de dissolução das couraças. Com estudos baseado em Reich, ALEXANDER (1977) pensa em uma terapia corporal com a intenção de tratar as couraças ou seja, contrações em diferentes sistemas do organismo, que com o passar do tempo se cronificam e passam a ser percebidas como a própria identidade ou maneira de ser. Com isso desenvolveu uma série de posturas e exercícios corporais associados a expressões de emoções e sentimentos, buscando uma maior unidade com o corpo–mente;
- O teatro do Oprimido de Augusto Boal (1982): É um método teatral baseado em conjuntos de jogos, exercícios e técnicas teatrais que tem por objetivo desenvolver o teatro como instrumento na compreensão e busca de alternativas e soluções para problemas sociais e interpessoais, sempre buscando possibilidades de intervenções reais transformando o espectador (ser passivo) em protagonista da ação dramática (sujeito transformador);
- Ivaldo Bertazzo (2010) – um reformador do movimento: Seus estudos são baseados na questão corpo e cultura, por mais que o ser humano seja uma mesma espécie com um corpo de fisiologia e anatomia padrão, toda sua movimentação e expressão corporal está atrelada a sua cultura e história levando cada ser a uma condição única de existência. Bertazzo mergulha no processo de formação da individualidade, na excelência da psicomotricidade para a construção do pensamento e da personalidade humana .
- Dança e Vida em Klauss Vianna (2005): Possui trabalhos de consciência corporal, que hoje é entendida como educação somática. O movimento é trabalhado em um conceito conhecido como soma, reconhecendo o corpo–mente como uma unidade e se apoia nas ligações entre os diversos sistemas do corpo, e do corpo com o ambiente. Utiliza-se bastante da atenção e escuta na construção de movimentos e corpos conscientes, não esquecendo também a ligação do consciente e inconsciente na produção do movimento e comunicação.

### 2.3. Particularidades das práticas realizadas nesta pesquisa

De todos os autores e estudos acima relacionados o que nos interessa é perceber como cada um deles torna possível essa conversão da atenção sobre o corpo próprio. Para além das especificidades com que cada método realiza essa conversão, a ideia desta pesquisa foi dar vez à experimentação do sensível às possíveis estratégias de ampliação dessa sensibilização. Assim, sintonizamos outras dimensões da existência mais favoráveis ao exercício da espontaneidade, da invenção e da liberdade, fugindo daquela outra percepção cerceadora que obstrui nossas relações com o sensível, em função da edificação das ideologias e das convenções e imposições em vigor no âmbito político, econômico e social.

Com isto, a prática corporal realizada nesta pesquisa teve suas peculiaridades. Não fizemos uma sistematização da prática baseada em um ou outro estudo particular. Fizemos um apanhado de várias práticas e princípios que possam contribuir para o desenvolvimento das proposições deste estudo, portanto, antes de se prender a um sistema específico de ações de intervenção perguntamos: que ligações são possíveis de serem realizadas entre as práticas consideradas nestes estudos? É possível soma-las e fazer de nossa intervenção outra coisa diferente do que foi em seu cenário original? Com essas questões queremos escapar do perigo das restrições e transgredir com o: isso não pode! Faça assim e não “assado”! Essas restrições podem bloquear a espontaneidade e, portanto, podem impedir aquilo que queremos forjar com nossa prática: o livre movimento que se desdobra do devir!

Estivemos atentos às palavras de Foucault em sua obra “Vigiar e Punir”:

“[...] Não se trata de cuidar do corpo, em massa, grosso modo, como se fosse uma unidade indissociável, mas de trabalhá-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao mesmo nível da mecânica- movimentos, gestos, atitude, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo [...]” (2013, p.132-133),

Evitar as rédeas do poder que estreitam o tratamento dado ao corpo foi a tônica de nosso trabalho. Tivemos o cuidado de se desvencilhar dessa coerção tão eminente quanto respeitamos demais os estudos consagrados que norteiam nossas ações educativas. É preciso libertar a criatividade, dar-lhe movimento e para isso optou-se pela soma por meio de práticas experimentais, contato e improvisação,

dança contemporânea, técnicas de educação somática do corpo, atividades teatrais, teatro do oprimido, dentre outras que juntas compuseram outras possibilidades, outros movimentos.

Enfim, estivemos atentos à necessidade de soltar as amarras, nas quais caímos na falácia da disciplinação, portanto não se tratava apenas em reeducar, porque a reeducação, por si só também pode ser uma forma de disciplinação e amarração, tratava-se de desconstrução, ou abertura de novas possibilidades. O trabalho com múltiplas linguagens nos levou a uma percepção totalmente diferente, mais nômade, acerca das práticas educativas.

#### 2.4. Mapeamento das práticas corporais realizadas nas oficinas

As oficinas desta pesquisa foram pensadas para trabalhar a experiência de movimento considerando, didaticamente, três níveis de relacionamento corporal: nível 1 – a relação da pessoa consigo mesma; nível 2 – a relação da pessoa com o ambiente; nível 3 – a relação da pessoa com o outro. Assim, o planejamento das oficinas previa promover uma progressiva intensificação da experiência de movimento, deixando o participante mais preparado e confortável para lidar com as situações que provavelmente os tirariam de sua zona de conforto.<sup>4</sup>

Inicialmente foram planejadas oito oficinas de uma hora de duração cada que seriam sempre seguidas por rodas de conversa de cerca de meia hora, nas quais desenvolveríamos o exercício das reflexões e coletivização de ideias acerca das práticas realizadas. Porém, a atenção e abertura do pesquisador às demandas do grupo que aceitou participar da pesquisa observou a necessidade de readequar esse planejamento. De acordo com a conveniência e disponibilidade de todos, ficou acordado que faríamos três oficinas com uma duração média de quatro horas cada contando com as práticas e reflexões nas rodas de conversa, pois assim conseguiria

---

<sup>4</sup> Este modo didático de organização da prática pedagógica não é novidade no âmbito das artes. Vários artistas/educadores no campo da dança e do teatro utilizam-se de estratégias semelhantes para o planejamento de suas intervenções. É claro que, cada artista é movido pela particularidade de seus estudos na organização deste planejamento, mas, de modo geral partem do pressuposto que nossa relação elementar com o mundo passar por três níveis: em um primeiro nível a atenção está mais voltada ao corpo e à percepção daquilo que se passa neste corpo próprio. Em um segundo nível a atenção passa a considerar o espaço que rodeia este corpo, fazendo-o reconhecer seus limites, mas, ao mesmo tempo fazendo o corpo recriar novos espaços através da experiência do movimento (capaz de inventar infinitas formas no espaço). Finalmente, em um terceiro momento, a atenção é lançada aos outros, abrindo a possibilidade de se trabalhar o corpo nas interações coletivas (BARBA 2012, LABAN, 1978, FERNANDEZ, 2006).

incluir todos os interessados, não excluindo nenhum possível participante. Essa compilação das práticas em um número menor de encontros, mas maior em duração de cada encontro tornou possível uma intensificação da experiência em grupo, tendo em vista que o grupo teve um tempo maior em cada encontro para intensificar gradual e progressivamente sua experiência corporal, gerando um envolvimento afetivo maior com as práticas ministradas.

As oficinas possuíam temáticas, porém os métodos usados foram dos mais diversos vide autores citados no capítulo de Práticas Corporais conforme a necessidade e afinidade com o objetivo da oficina.

A seguir apresentamos uma descrição comentada das oficinas realizadas:

#### 2.4.1. Primeira oficina

Os encontros foram iniciados com um oficina mais focada em fazer a pessoa olhar para si mesma. Era preciso criar condições para fazer a pessoa pensar nela mesma de uma outra forma, sem a qual a prática da sensibilização não se instalava no corpo e no jogo entre os participantes da oficina. Essa outra forma de olhar para si abria a percepção das subjetividades na medida em que aprofundava o exercício da introspecção da atenção. Como operamos esse exercício de introspecção? A primeira atividade foi a “Mandala”. Trata-se de uma dinâmica na qual os participantes utilizaram uma folha papel e lápis de cor para desenhar uma representação de si mesmo (no centro da folha) e ao redor desta representação desenhar tudo aquilo que julgavam ter valor em suas vidas, para tanto, partiram da seguinte proposta: quanto mais próximo os desenhos do centro, mais importantes, quanto mais distantes, menos importantes (surge daí a ideia da Mandala enquanto centro de dispersão em constante movimento).

A atividade da “Mandala” gerou um certo desconforto em algumas pessoas que tinham mais dificuldade com a questão do desenho, mas todos participaram. Pelo fato de ser uma atividade na qual exigia um mergulho em si pouquíssimas pessoas quiseram explicar suas mandalas ao fim da atividade, demonstrando o quão difícil é para as pessoas falarem de si e se exporem aos outros. Por outro lado, por haver um envolvimento corporal mínimo, uma vez que exigia apenas uma habilidade manual para o registro da mandala na folha de papel, essa atividade funcionou bem como prática introdutória, pois trouxe certa exposição da

subjetividade no ambiente em grupo, mas, por outro lado essa exposição não foi excessiva. Cada um editou sua expressão no desenho a depender de suas conveniências sem precisar abandonar de vez suas zonas de conforto. A edição desta expressão ficou clara principalmente na reflexão que se sucedeu à prática do desenho, quando cada um foi ao ponto de exposição que se permitia naquele momento introdutório do trabalho em grupo.

Após a mandala foi feita uma atividade na qual cada pessoa deveria se olhar no espelho e fazer uma exploração desta imagem de si ali refletida. Desta exploração prosseguiu uma série de questionamentos para ampliar o exercício exploratório desta imagem: como é a sensação do “se olhar”? O que consegue encarar nesta imagem refletida de si? Que partes do corpo evita? O que mais te chama a atenção?

No momento da discussão desta dinâmica surgiram várias questões das mais diversas relacionadas a própria imagem, algumas pessoas se sentiram extremamente incomodadas enquanto outras pelo fato de já estarem acostumadas a se olhar no espelho tiveram muito mais facilidade, algumas mal se encararam, enquanto outras se enxergaram como seu maior companheiro, chegando até o ponto de uma participante relatar a vontade que sentiu de tirar a blusa para se olhar melhor.

A terceira dinâmica foi feita com massinha de modelar. Cada pessoa deveria, com os olhos fechados modelar o seu próprio corpo com a massinha. A todos foi dado um tempo de mais ou menos dez minutos para a realização desta escultura de si. A discussão que se desdobrou desta prática foi bastante intensa. Muitos perceberam que os bonecos esculpidos tinham defeitos, como membros muito curtos, cabeças gigantes, ou esculturas sem pescoço. Curiosamente muitos desses defeitos se associavam a reclamações relatadas pelos participantes. Tal associação, embora não evidencie nada concretamente, leva-nos a pensar que a imagem que projetamos sobre nós mesmos tende a trazer também suas peculiaridades como, por exemplo, certos desequilíbrios, deficiências, ou dificuldades que, de um modo ou de outro, contribuem na escultura que fazemos sobre nós mesmos.

Outro ponto também bastante discutido foi a questão da genitália. De todos apenas um participante esculpiu essa parte do corpo, isto foi curioso porque nos levou a pensar que não temos o costume de pensar no nosso corpo nu. Quando imaginamos nosso corpo não imaginamos ele nu, ou se assim o imaginamos

parecer haver certo pudor principalmente se a ideia for ter que representar esse corpo imaginado numa folha de papel, ou em uma escultura, por exemplo, como foi o caso desta dinâmica.

Por que excluímos a genitália quando somos levados a refletir sobre nosso corpo? Por que a representação do nu não nos é mais natural? Ao que parece, essa dinâmica trouxe à tona uma dificuldade enraizada em nossos modos de ser. Muito deste enraizamento se deve ao ambiente puritano, higienista e restritivo em meio ao qual se constituiu nossos processos educativos. Muitos se veem presos nas tramas deste enraizamento, outros buscam seus próprios caminhos de esquiva, mas de uma forma ou de outra, essa dinâmica com as massinhas trouxe a possibilidade de pensarmos nossas próprias relações com essa problemática acima descrita, abrindo caminhos para revisitarmos nossa sexualidade de uma maneira menos restritiva.

#### 2.4.2. Segunda oficina

A segunda oficina foi dividida em duas partes. A primeira parte trabalhou com práticas de sensibilização corporal para buscarmos uma atenção mais focada no próprio corpo. Na segunda parte trabalhamos com jogos de confiança para fazer com que as pessoas se familiarizassem mais umas com as outras para facilitar a próxima oficina que passaria a trabalhar as atividades mais em duplas e grupos, e que isso gerasse uma maior coesão de grupo para as pessoas se sentirem mais a vontade de fazer as atividades com outras sem desconfortos ou constrangimentos.

A primeira parte ocorreu na sala de dança com as cortinas fechadas e luzes apagadas. Ao fechar as cortinas e apagar as luzes queríamos atenuar os estímulos do ambiente, forçando os participantes a buscarem outros estímulos alheios àqueles que vinham da plena visão do ambiente, com isto a possibilidade de introspecção da atenção aumenta.

Enquanto monitora desta atividade, fui guiando os participantes, levando-os a realizar uma série de avaliações sobre o próprio corpo, para tanto, pedi, inicialmente, que fechassem os olhos para dar maior vazão às sensações captadas pelos outros sentidos, principalmente pelo tato e pela propriocepção. Solicitei que sentissem as partes do corpo, as partes que tocam o chão, os desequilíbrios da simetria corporal, a sensação de peso corporal, níveis de tensão e relaxamento, os ritmos da respiração, dentre outros fatores que levaram os participantes a mergulhar em uma

atenção imersa no corpo e nestas relações elementares que o corpo estabelecia consigo mesmo e com o espaço. Durante essa atividade algumas pessoas tiveram dificuldades e não ficavam de olhos fechados, ficavam inclusive “espiando” as outras, principalmente como forma de se sentir melhor com o que estavam fazendo. Os participantes relataram que o espaço da sala de dança ajudou bastante na atividade por ser um ambiente que “abraça” as pessoas, além de relatarem o quanto a iluminação baixa os ajudou a se sentirem mais confortáveis durante a atividade, deixando claro o quanto o espaço e luz podem interferir neste tipo de atividade.

Depois deste primeiro momento, as luzes foram acesas e os participantes deveriam fazer as práticas de olhos abertos, pois, neste momento, passamos para um outro nível de trabalho corporal, no qual a atenção estava mais focada na relação que o corpo estabelecia com o espaço que o rodeava. Solicitei para que os participantes ocupassem os espaços da sala, andando de diversas maneiras: andar no plano baixo, médio, alto, em bipedia, quadrupedia, de costas, de lado de frente, passando por baixo ou por cima de alguém, cair, levantar e assim sucessivamente. Para dar mais complexidade a esta prática, solicitei que andassem trazendo para a linguagem oral aquilo que se passava no pensamento durante a prática, assim, encontramos uma forma de aproximar ação corporal e pensamento.

De uma condução a outra os participantes foram alcançando de modo gradual e progressivo outros estados perceptivos diferentes da percepção cotidiana. Isto aconteceu pois rompemos, com essas práticas o ciclo vicioso dos hábitos, na busca de outros modos de experimentação do corpo.

A segunda parte foi feita do lado de fora, no gramado à luz do sol, para podermos experimentar novas condições ambientais. Neste espaço externo realizamos jogos de confiança e de interação em dupla ou em grupo. A primeira atividade foi em dupla: uma pessoa deveria correr permanecendo de olhos fechados em direção ao seu par que estava de olhos abertos, e este o seguraria quando chegasse próximo. Essa atividade foi bastante eficaz para trabalhar o tema da confiança e nos fez discutir sobre várias coisas relacionada a essa temática. As pessoas guiadas relataram ter muita dificuldade para manter os olhos fechados durante a atividade, o que mostra o excessivo valor e função que damos à nossa percepção visual, em detrimento dos outros sentidos. Um indicativo disto foi que as pessoas guiadas paravam antes mesmo de chegar perto do seu guia, ou passavam

a correr mais devagar, com as mãos em frente ao rosto, temerosas de sofrerem algum acidente.

Outra atividade feita com a retirada da visão foi a pessoa de olho aberto guiar a outra pessoa de olho fechado para sentir o ambiente, utilizando principalmente as mãos. Foram explorados diversos lugares como árvores, mesas, bebedouro, outras pessoas. Essa atividade despertou espanto nos participantes, pois a grande maioria só percebeu a existência de alguns elementos e objetos no ambiente após essa atividade, perceberam coisas que não tinham reparado antes de olhos abertos. Deram bastante ênfase na questão das texturas e cheiros também.

Foram feitas mais atividades de confiança baseadas em jogos teatrais como fazer uma roda de pessoas e a do meio “se jogar” com o corpo bem contraído e reto confiando que o círculo de pessoas iria segurá-los. E outra onde um participante era erguido por todos os outros na posição horizontal e faziam movimentos que simulavam ondas do mar, todos participaram e ajudaram, porém foi perceptível que pessoas gordas tiveram mais dificuldades de se soltar nessa atividade. A maioria dessas atividades de confiança foram retiradas da técnica de teatro do oprimido que tende a criar relações mais igualitárias e um espaço mais confortável para se trabalhar atividades teatrais.

Em outra atividade, ainda em dupla, era necessário manter o foco visual um nos olhos e rosto do outro em posição sentada e parada. Essa atividade foi bastante provocativa e incomodou a muitos dos participantes. Posteriormente, nas discussões, muitos relataram que se sentiram como invasores, outros, por outro lado, se sentiram invadidos pelo olhar do outro, ainda relataram que a sensação de se sentir olhado nos olhos foi gostosa, tendo em vista que vivemos em uma sociedade e em um ritmo de vida que nos impede de estabelecer estas conexões mais intensas do olhar.

Um dos participantes relatou, nesta atividade que sentiu algo bem parecido com a atividade de se olhar no espelho dada na oficina anterior. Em um primeiro momento se instalou a vontade pelo reconhecimento do outro, depois a busca pelas singularidades – foi neste momento que a sensação da invasão foi se intensificando – e daí desdobrou-se o incômodo de saber que o outro também ia te invadindo com o olhar, sendo tão crítico quanto você, ou até mais.

#### 2.4.3. Terceira Oficina

Este encontro aconteceu na sala de judô do Departamento de Educação Física, ao lado da Sala de Dança. Com esse novo espaço, pudemos testar outras demandas ambientais que foram importantes para qualificar nossa prática. O chão da sala é acolchoado, assim pudemos utilizar mais o solo sem se machucar.

O objetivo desta oficina era desenvolver um trabalho prático inspirado nos princípios da técnica, intitulada no campo das artes cênicas, de “contato e improvisação”. Para tanto, partimos de um trabalho focado em alguns princípios de decorrem desta técnica: o trabalho com manipulação, peso e contrapeso, toque e contato.

A vivência destes princípios tornou possível um trabalho mais focado sobre o tema da sexualidade, tendo em vista que as práticas de contato e improvisação reclamam por uma atitude ativa do participante em meio ao jogo do contato e improvisação, na medida em que se vê forçado a responder de alguma forma ao toque alheio, o que desencadeia reações que se desenvolvem como um diálogo entre os pares. Assim, os participantes vão, pouco a pouco se entregando a espontaneidade e animação que o jogo do contato e da improvisação proporcionam e é justamente aí que suas sexualidades se veem livres para se expressar sem medo das coerções restritivas impostas nas relações sociais convencionais.

A possibilidade de acesso a essa expressão mais espontânea e menos intimidada pelas demandas sociais provê o exercício reflexivo que se desdobra desta prática, abrindo caminho para a construção de diálogos e conhecimentos sobre a própria expressão da sexualidade.

O fato desta atividade ser realizada na sala de judô ajudou bastante. O chão, macio e convidativo, parecia contrastar com a dureza dos chãos dos regulamentos e convenções sociais, por sobre os quais somos obrigados a se equilibrar para responder adequadamente às demandas impostas pela vida, assim, foi possível fazer as atividades sem medo das quedas ou de situações que levassem ao medo do tropeço, pois o tatame deu mais segurança para fazermos a atividade.

Essa oficina foi a que mais houve entrega do grupo durante as atividades, em partes pelas pessoas que estavam ali já estarem acostumadas umas com as outras e em partes por grande parte das pessoas já estarem mais familiarizadas com as práticas corporais depois de quase um mês de atividades. Isso foi demonstrado principalmente pelo fato de algumas pessoas relatarem mais facilidade em fazer as

atividades de olhos fechados sem medo e com maior entrega e relacionar isso com as práticas anteriores.

As atividades de contato foram feitas de forma gradual, começando com o trabalho de rolar por cima das pessoas, empurrar corpos, ocupar espaços, responder aos contatos, manipulação dos movimentos dos corpos até um ponto que a começava algo parecido com um nó de corpos todos em contato ao mesmo tempo em um sintonia de movimentos, foram acontecendo atividades com menos contato até chegar nas de contato total para os participantes se acostumarem com a ideia de corpos em contato sem se assustar e ou se sentir retraído. A oficina foi recheada de sorrisos durante as atividades, principalmente de sorrisos prazerosos durante o ápice do contato e improvisação.

Ao final dessa oficina a sala ganhou outra energia, durante a discussão todos os participantes deitaram em uma roda, onde todos tinham contato com outras pessoas de alguma forma, havendo trocas de carinhos entre essas pessoas. A conversa ocorreu com vários espaços de longo silêncio entre alguns assuntos como se o corpo falasse durante esses silêncios. Comparado as outras práticas era nítido que essa prática é a que mais sensibiliza as pessoas visto que o toque é um grande tabu social mas que ao mesmo tempo traz sensações positivas das mais diversas trazendo diversos sentimentos contraditórios. Durante as rodas de conversa foram ditas várias frases sobre a sensação de não se sentir mais só ou a sensação de unidade, deixando nítido quanto o contato tem um poder de coesão de grupo, além de várias indagações do por que não nos tocamos mais durante o dia a dia.

A conversa também fluiu para a questão de se trabalhar o contato nas escolas com a intencionalidade de dessexualizar o toque, entrando em uma questão do até que ponto a sexualização do toque é algo psicológica ou biológica, levantando a problemática de se trabalhar contato com garotos na puberdade, por exemplo. Ou o quanto a possessividade dentro de relacionamentos pode ter haver com a questão do contato físico, sendo esse contato algo único de momentos de carinho e de sexo que conotam relacionamento amorosos e sexuais entre as pessoas.

Ao fim da conversa os participantes saíram reclamando que não queriam ir embora, pois estava muito bom o clima mas já estava tarde. Após a oficina alguns vieram conversar comigo particularmente e agradecer pelo dia pois tinham tido

sensações muito boas com as atividades do dia, muitas das quais jamais haviam sentido na vida e que queriam começar a praticar mais contato diariamente.

Acredito que as oficinas tenham sido de grande experiência não somente pessoal minha mas para todas as pessoas que participaram, para além da coleta de dados da pesquisa acredito que houveram diversas sensibilizações e situações que despertaram diversos questionamentos que sem o dispositivo do sentir seria difícil de acontecer. Ao fim das transcrições ficou claro o quanto essas vivências são únicas e individuais mostrando o quanto a experiência é complexa e não tem como ser uma verdade, uma massa, uma tabela, o quanto é preciso desconstruir o mito de massificar os sentimentos e sensações e entender que certas coisas tem que ser trabalhadas por cada indivíduo, para cada indivíduo, dissolvendo normatizações e verdades e dando liberdade as expressões.

## CAPÍTULO II

### 1-Análises: um tear discursivo

A seguir apresentaremos uma análise respaldada nas vivências nas oficinas e nas leituras teóricas realizadas ao longo desta pesquisa. Assim, esta seção se constituirá como um tear que ganha movimento e vida no entrelaçar dos movimentos do empírico com as coordenadas teóricas estudadas. Para organizar a tessitura desta escrita cambiante, definimos três eixos de análise. Primeiramente trataremos do autoconhecimento, depois da visão e, finalmente sobre e o movimento do contato.

#### 1.1- Autoconhecimento

*“Eu nunca tinha parado na frente de um espelho grande assim, quando fiquei muito perto dele deu uma impressão que você não existe mas que é outra pessoa mesmo ,fiquei em choque, e comecei a ter a reação que eu tenho encarando as outras pessoas que é dar risada, deu muita vontade de dar risada quando encarava o meu rosto .e ai eu desviava o olhar e reparava na galera que estava em volta de mim...”* (Trechos registrados na roda de conversa gravada em áudio durante as oficinas realizadas na pesquisa de campo deste trabalho).

Podemos reparar nesse relato a grande dificuldade que o participante tem de encarar a si mesmo, chegando a se desconhecer, enxergando até mesmo a sua imagem como a de outra pessoa. Durante essa análise daremos enfoque na questão da auto imagem, autoconhecimento e os desdobramentos a partir das experiência com práticas cuja intencionalidade seja essa.

No mundo atual existe uma grande relutância em entrar em contato consigo mesmo e quando esta relação ocorre ela se encerra na questão da estética, o olhar para si passa pelo que se vê do lado de fora, pela “embalagem” e muitas vezes não vai até o interior numa busca de um olhar mais profundo buscando autoconhecimento, muito menos se interligam essas duas esferas: a de dentro e a de fora, como se as duas não tivessem uma relação ou até mesmo não fossem a mesma coisa.

Grande parte dessa dificuldade de se olhar, buscar se conhecer até entender a extensão que o interior e o exterior possuem tem relação com a disciplina dos

corpos sofridas ao longo da nossa vida pelas diversas instituições, nos separando do nosso corpo e conseqüentemente nos distanciando e separando das vivências que o mesmo experimenta dificultando a internalização dessas experiências.

“Se as paredes ouvissem. (...) Na casa que é seu corpo, elas ouvem. As paredes que tudo ouviram e nada esqueceram são seus músculos. Na rigidez, críspação, fraqueza e dores dos músculos das costas, pescoço, diafragma, coração e também do rosto e do sexo, está escrita toda sua história, do nascimento até hoje.

Sem perceber, desde os primeiros meses de vida, você reagiu a pressões familiares, sociais, morais “Ande assim. Não se mexa. Tira a mão daí. Fique quieto. Faça alguma coisa. Vá depressa. Onde vai você com tanta pressa...?” Atrapalhado, você dobrou-se como pôde. Para conformar-se você se deformou. Seu corpo de verdade –harmonioso, dinâmico e feliz por natureza – foi sendo substituído por um corpo estranho que você aceita com dificuldade, que no fundo você rejeita” (BERTHERAT, 1999 p-11-12)

Por mais que todas as atividades propostas durante essa investigação acabem levando diversas vezes a nos olhar, a primeira oficina teve uma maior intencionalidade nisso, primeiramente com um olhar mais interno na montagem da “mandala de si” e posteriormente com um olhar que, primeiramente pode parecer mais externo já que analisa algo mais ligado ao corpo mas que leva a diversos questionamentos internos e reflexos do interno, como será explorado o assunto ao longo dessa análise.

Na primeira atividade ficou perceptível a grande dificuldade primeiramente de explorar a questão do desenho, diversos dos participantes reclamaram da atividade ter a necessidade de utilizar o lápis e papel, e ficaram com grande dificuldade de saber o que colocar na mandala evidenciando assim uma grande distância de si mesmo. Tiveram até pessoas que se viraram para a parede para poder fazer o desenho. Quando ocorreu o momento de socialização a grande maioria das pessoas preferiu não falar sobre sua mandala evitando a situação de se expor. Grande parte das pessoas que socializaram suas mandalas ficaram bem tímidas e tiveram dificuldades, demonstrando grande fragilidade nesse momento. Ficou claro o quanto é grande a dificuldade de expor o que está por dentro de nós, nossas opiniões, experiências e principalmente nossos defeitos.

Já na atividade que tinha relação com o se olhar no espelho e montar o boneco de massa de modelar pensando no próprio corpo eles se soltaram muito mais durante a socialização, falando muitas vezes de si mesmo e da visão que tinham de si com muito mais facilidade, isso pode ter acontecido devido estarmos muito mais familiarizados com a situação de nos depararmos com o espelho e

criarmos uma relação com o que se vê na forma estética ao invés de olharmos para dentro de nós mesmo e analisarmos nossa própria subjetividade. É do nosso dia a dia julgarmos aquela imagem que sempre olhamos no espelho, mas os momentos de auto reflexão sobre o que sentimos ou como estamos são mais raros comparados as questões da aparência.

Porém essa análise da figura do corpo, da forma de se enxergar vai muito além da questão estética visto que a própria é construída em cima das vivências, logo quando estamos falando dessa visão de corpo, estamos falando de muito mais coisas do que somente uma imagem como dito por Merleau-Ponty em *Fenomenologia da Percepção*

“(…)Assim, não reconhecemos pela visão aquilo que todavia vimos frequentemente e, ao contrário, reconhecemos de um só golpe a representação visual daquilo que, em nosso corpo, nos é invisível. (...). Cada um de nós se vê como que por um olho interior que, de alguns metros de distância, nos observa da cabeça aos joelhos. Assim, a conexão entre os segmentos de nosso corpo e aquela entre nossa experiência visual e nossa experiência tátil não se realizam pouco a pouco e por acumulação. Não traduzo os “dados de tocar” para “a linguagem da visão” ou inversamente; não reúno as partes de meu corpo uma a uma; essa tradução e essa reunião estão feitas de uma vez por todas em mim: elas são meu próprio corpo.” (p. 207)

Podemos analisar isso mais profundamente com as falas dos participantes sobre a visão de si no espelho e durante a construção dos bonecos, chegando em comentários até mesmo extremos

*“Uma coisa que eu fiquei pensando muito é que eu baseei meu bonequinho somente em defeitos, tipo, eu pensei na cabeça “deixa eu pensar...ah nariz grande” e reparei no espelho que meus olhos são muito juntos, cheguei nessa conclusão, achei que eles poderiam ser mais separados, ai eu fiz minha cabeça baseada nisso. Dai fiz eles juntos. Foi tudo pensando nos defeitos que eu tava olhando no espelho e ai eu fiz baseado nisso. Mas ele ficou bom até, eu gostei dele”* (Trechos registrados na roda de conversa gravada em áudio durante as oficinas realizadas na pesquisa de campo deste trabalho).

*“Eu acho que eu esqueci de colocar os defeitos, tanto que a primeira coisa que eu vi quando eu abri o olho foi “olha que legal, faltou a orelhinha da sorte”,e eu acho que é porque eu to tão acostumado a minha vida ficar olhando isso que acabou acostumando e ai a primeira coisa que eu pensei “meu deus cade a orelhinha”, e a genitália é tão comum passar tanto tempo vestido por exemplo que eu acabei não pensando nisso”* (Trechos registrados na roda de conversa gravada em áudio durante as oficinas realizadas na pesquisa de campo deste trabalho).

Outra fala que remete a teoria de Merleau-Ponty é esta onde fica claro a relação da visão do corpo que a participante tem com a vivência cotidiana dela

*“minha relação com meu corpo mudou bastante quando eu mudei de casa, mas quando eu mudei pra casa que eu moro agora, minha relação mudou bastante porque eu já tinha o costume de não usar roupa em casa, mas na minha antiga casa a janela dava pra rua , e a casa que eu moro agora não, tem um puta quintal ,e eu criei o costume de fazer as coisas sem roupa tipo o que as pessoas fazem da vida vestidas eu faço sem roupa e ai nisso eu comecei , não sei se me importar menos, mas acontecia de eu sair do quarto e estar alguém que eu nem conhecia que foi visitar uma pessoa de casa e que tava me vendo nua, no começo eu ficava meio sem graça mas depois eu passei a não ligar , não que eu goste do meu corpo, a aceitar ele, e não me importar com a nudez porque parou de fazer sentido pra mim me importar com estar sem roupa e com as pessoas me verem sem roupa, como se aquilo fosse um sacrilégio ,algo sagrado que tem que ser escondido , não sei” (Trechos registrados na roda de conversa gravada em áudio durante as oficinas realizadas na pesquisa de campo deste trabalho).*

Podemos perceber que a visão de si mesmo que cada um cria é extremamente única, visto que esta está constantemente ligada as experiências táteis que passamos ao longo da nossa vida. O fato de olharmos mais no espelho ou ficarmos mais tempo nus como os casos citados podem fazer com que nos relacionemos melhor com nosso corpo, porém o caminho para cada pessoa tende a ser muito pessoal não existindo uma receita pronta, sendo a chave de tudo isso a experimentação de diversos caminhos que cada um pode fazer. Porém em um mundo onde a visão de si parece estar somente fechada a questão de estética dificulta extremamente esse trabalho de entender o quanto a forma de se enxergar é uma construção cultural dependente de várias variáveis, com isso fica muito mais difícil trabalharmos a estima e amor próprio das pessoas, esses espaços de auto análise são de extrema importância não somente para este tipo de reflexão mas como também para procurarmos caminhos para uma melhor auto aceitação, que muitas vezes está ligada a práticas corporais e culturais que podem ser colocadas no nosso cotidiano.

Outra análise curiosa na atividade sobre a construção dos respectivos corpos em bonecos de massa de modelar foi a questão das genitais, quase nenhum participante modelou os genitais, somente duas participantes mulheres o fizeram. Quando foram indagados o porquê disso, a maioria das respostas giraram em torno da questão de não lembrar das genitais por conta de estarem de roupa ou não tê-las visualizado no espelho.

*Participante 1: eu imaginei por esse lado de estar sempre de roupa , não passou na minha cabeça*

*Pesquisadora: mas quantos de vocês desenharam com roupa? se moldaram com roupa?*

*Participante 2: eu me moldei com roupa, me moldei na visão que eu tenho do espelho*

(Trechos registrados na roda de conversa gravada em áudio durante as oficinas realizadas na pesquisa de campo deste trabalho).

Uma possibilidade do porquê a maioria dos genitais não foram modelados tem relação com a questão do tabu do corpo, aonde a nudez, situação onde você encara os genitais e até os próprios genitais ainda são extremamente relacionados a proibição e a situação do sexo, reduzindo as diversas possibilidades de lidar com os mesmos de uma forma mais natural

Mesmo com todas as conquistas no que diz respeito à sexualidade e a afetividade nas suas mais diversas possibilidades, ainda vivemos todo o peso da desconfiança que o cristianismo tem do corpo e, obviamente, da sexualidade. (...) A afetividade e a sexualidade não são vistas como possibilidades de significação solidária, compartilhada da vida, posto que se pensa a afetividade como trilha para a sexualidade e esta como o contato dos genitais. ( DOURADO,2007,p-7)

Situação dialogada e problematizada pelos participantes durante a roda de conversa

*Participante 1: acho que isso também é muito colocado na nossa cabeça também, as nossas partes elas devem ser guardadas porque elas não devem ter contato com o mundo exterior, por diversas justificativas tanto pra você proteger aquilo do ambiente, quanto as outras coisas daquilo, nossa um pinto tocou nisso, mas isso é bem foda, leva um tempo pra você perder isso , a nudez não é aquilo que você faz entre uma roupa e outra*

*Participante 2: meu deus uma xoxota nua sentou aqui*

*Participante 3: ou no sexo* (Trechos registrados na roda de conversa gravada em áudio durante as oficinas realizadas na pesquisa de campo deste trabalho).

Logo existe a necessidade de quando formos analisar e pensar o nosso corpo, também pensar na unidade do mesmo, visto que neste caso como o enfoque é sexualidade, os órgãos sexuais foram “excluídos” muitas vezes pelo significado que aquilo carrega na nossa vida no dia a dia e a construção daquele símbolo ao longo da nossas vidas, em outra situação poderia ter sido outra parte. Essa separação só acaba dificultando o entendimento de quem somos, nos desfragmentando e excluindo diversas possibilidades de experiências devido a construções sociais imparciais por instituições, no caso a igreja como citado acima.

## 1.2. Visão

Esta seção traz discussões sobre o papel central da visão na mediação dos relacionamentos que traçamos com o mundo a nossa volta. Essa ideia foi registrada ao longo de nossa pesquisa de campo e, por isso mesmo, volta neste momento analítico para refletirmos mais a respeito. Para tanto partimos do material empírico, coletado nas rodas de conversa para iniciar a mobilização desta reflexão. Um participante assim se expressou:

*“... um negócio que eu gostei foi que a gente começa a perceber muito os outros sentidos que a gente tem, até noção espacial mesmo, que é um sentido se for pensar o tanto quanto você andou, você até tem noção mais ou menos, você sabe quando você tá chegando pelo barulho da pessoa, e das coisas também...”*

*“... acho que a sensação também, o tato de estar correndo com os olhos fechados tira o grande foco da visão... sentir o vento, você sente bem diferente”* (Trechos registrados na roda de conversa gravada em áudio durante as oficinas realizadas na pesquisa de campo deste trabalho).

Durante as rodas de conversa, realizadas em todas as oficinas desta pesquisa, a questão da visão sempre surgiu durante as discussões, até mais que uma vez, trazendo diversos enfoques que tinham um ponto em comum: ao longo de nossas vidas nos amparamos demasiadamente na percepção visual, ocasionando o que podemos chamar de prelázia da visão sobre os outros sentidos. Esta prelázia da visão sobre os outros sentidos pode ser corroborada pelos estudos encontrados na literatura estudada, segundo Alves:

É a visão que antecipa as ações a partir da captação das situações e do ambiente que nos circunda. Muitas vezes deixamos de experimentar certas situações por causa desta pré-seleção efetuada pela visão, com isto, formatamos nossos modos de ser e de agir a partir deste domínio sensorial. Não que um som desagradável, ou um odor repulsivo não nos afugente na mesma medida, mas se pensarmos que, mediante tal situação, é a visão quem nos direciona para longe destes desagradados, temos aí, uma noção da importância da visão na seleção das experiências, uma vez que ela as antecipa. (ALVES, 2008, p. 367).

É inegável, portanto, a importância da visão em nossas vidas. Retirá-la, ou trabalhar com a visão de outra forma nas práticas de sensibilização traz a possibilidade de experimentarmos o mundo de outras formas e isto, muitas vezes, causa uma grande surpresa para aqueles que se permitem essa outra experimentação e essa surpresa gera diferentes sensações. Para um dos participantes, por exemplo, quando convidado a correr de olhos fechados em uma

de nossas atividades, a sensação de medo e dificuldade foi mais imperativa, deixando-o quase à beira do desespero, assim relata: *“Você olhava antes a distância que tinha, mas você ficava desesperado porque não chegava nunca.”*

Não é à toa que a visão se tornou o sentido mais utilizado pelo ser humano, visto que nossa fisiologia e anatomia se inclinaram a isso. De acordo com Shneider (1998):

[...] Temos muito mais consciência da parte frontal dos nossos corpos do que da parte posterior. Algumas das razões para isso são técnicas. Assim, por exemplo, das terminações nervosas de nossas costas são muito escassas. Também a área cerebral responsável pelas costas é menor do que a referente a uma das mãos. Além disso, há razões comportamentais. Para mencionar apenas duas: respondemos aos estímulos visuais à nossa frente e movimentamo-nos para frente com mais frequência que para trás. A fim de equilibrar as funções do corpo, necessitamos primeiro equilibrar suas sensações.” (SHNEIDER, 1998)

Pensando nisso quase todo nosso aprendizado em sociedade, como aqueles que nos ligam a certas normas e convenções vigentes têm na visão seu principal referencial de ajuste perceptivo. Assim, através da visão não reconhecemos somente formas e coisas, mas também o certo e o errado, o devido e o indevido e todo e qualquer espécie de desvio dos padrões normatizantes que chegam a nós através do sentido visual. Acerca disso vale pensar, por exemplo o quanto do nosso aprendizado não é voltado a somente cópias das coisas que enxergamos. Quando se estende essa ideia para sexualidade fica ainda mais claro, baseamos nossos corpos em imagens ideais de revistas, aprendemos sexo copiando de filmes pornô e diversos sexismos são baseados em questão estéticas passando por cor de menino e menina até a questão da aparência. Podemos refletir mais afundo sobre estas questões nos dizeres deste participante que registramos a seguir:

*“... uma coisa que eu fiquei pensando muito é que eu baseei meu bonequinho somente em defeitos, tipo, eu pensei na cabeça, ai eu pensei “ah nariz grande, e reparei no espelho que meus olhos são muito juntos, cheguei nessa conclusão , achei que eles poderiam ser mais separados, ai eu fiz minha cabeça baseada nisso. Dai fiz eles juntos. Foi tudo pensando nos defeitos que eu tava olhando no espelho e ai eu fiz baseado nisso . Mas ele ficou bom até, eu gostei dele.”* (Trechos registrados na roda de conversa gravada em áudio durante as oficinas realizadas na pesquisa de campo deste trabalho).

Pensando nesse relato, no qual observamos o peso dos valores que assumimos à luz dos referenciais que nos vêm pela visão, podemos nos perguntar a partir de que momento algo se torna um defeito ao invés de se tornar somente uma característica, quando a captação visual, muitas vezes, nos alerta sobre o

descabimento deste algo visto, face as referenciais que o distanciam daquilo que os olhos (e o julgamento que vem por trás deste olhar) insistem em normatizar?

A educação, enquanto principal processo reprodutor de cultura (de conceitos e preconceitos) reforça a prelácia da visão, de modo que vamos gradualmente assimilando normatizações sobre o corpo (e sobre a sexualidade) sem nos aperceber dos cerceamentos que se enquadram no enfoque do olhar. Em algum momento o que se enxerga se torna algo certo e quando nos comparamos com esse suposto “certo”, à luz das convenções identificadas pelo olhar, percebemos nossas inadequações e defeitos. Mas, quem aponta nossos defeitos se não somente o bombardeamento da visão face ao ideal intangível que insiste indolente a apontar com veemente acusação de descabimento? A partir daí conseguimos enxergar o quanto a visão nos afeta no dia a dia criando diversos padrões.

Nota-se, portanto que a visão é nosso sentido guia, muitas vezes é por ela que decidimos nossas verdades, ou seja, é pela visão que guiamos as escolhas, é pela visão que nos ditam o que é normal ou anormal, certa e errado, é pelo que enxergamos que julgamos as coisas. Porém se o corpo tem muito mais sentidos para ser explorados, será que somente a visão consegue mesmo nos trazer o real ou a verdade? Será que mudaríamos algumas formas de enxergar o mundo subjetivamente se passássemos a trabalhar a visão junto dos outros sentidos ou de uma forma mais poética e sensível e não a automático do nosso dia a dia?

Podemos perceber a relação que o participante possui com o outro quando o mesmo reflete sobre a atividade de olhar em silêncio para o rosto e olhos de outras pessoas evidenciando uma sensibilidade e simpatia com o outro, ajudando a responder algumas das perguntas acima:

*“ ... tenho a impressão que quando você para pra olhar com calma as pessoas são mais bonitas, todas, tipo você repara mais , quando você tá conversando com alguém você presta atenção no que ela tá falando , mas quando você não tá falando nada você presta atenção no rosto dela e você começa a ver coisas que você geralmente não vê ,e acho que todo mundo fica mais bonito depois de um tempo que você para e fica olhando assim , não sei explicar porque...”* (Trecho registrado na roda de conversa gravada em áudio durante as oficinas realizadas na pesquisa de campo deste trabalho).

Durante as práticas, principalmente aquelas que envolviam fechar os olhos ou focar no observar ficou claro o quanto as pessoas passaram a questionar essa visão ao invés de somente confirmar a visão. O quanto o questionamento desse sentido

ou enaltecimento dos outros (coisas que muitas vezes estavam estritamente interligadas) trouxeram questionamentos acerca do quanto usamos somente a visão de suporte no nosso dia a dia e sensações. E o quanto isso é limitado quando se tem um corpo todo em um ambiente e contexto para se explorar. Podemos analisar isso nas falar a seguir:

*“... eu percebi muito na prática aqui fora, aquela que gente fica de olho fechado e vai sentindo as coisas, e a gente tá aqui fora mó tempão e depois que eu abri o olho, eu comecei a olhar as coisas que toquei, tipo tinha mesa de pedra ali e eu não percebi que tinha uma mesa de pedra antes...”* (Trecho registrado na roda de conversa gravada em áudio durante as oficinas realizadas na pesquisa de campo deste trabalho).

*“... o legal é que você conseguia interagir com a luz, aquela hora que você tava fazendo e falando, e falou “estou indo em direção a luz”, a luz era alguma coisa, ela não era só a luz que iluminava o ambiente...”* (Trecho registrado na roda de conversa gravada em áudio durante as oficinas realizadas na pesquisa de campo deste trabalho).

Logo pode-se concluir das práticas que o trabalho com os outros sentidos são de extrema importância para o questionamento da recepção do ambiente exterior que é somente ancorado na visão, fazendo com que a experiência se torne mais rica e assim expandindo a vivência, levando a maiores reflexões do contexto que os cerca. Dentro das práticas deste trabalho os participantes tiveram possibilidades de experimentar o espaço e o corpo de outra forma devido a exclusão da visão/trabalho sensível da visão muitas vezes ressignificando o que viam após as experiências. Na questão da sexualidade observaram o outro de uma forma mais sensível e humanitária, e inclusive se observaram de formas diferentes, levando muitas vezes a uma maior empatia com o outro e mais reflexão acerca de si mesmo, sendo isso de extrema importância na construção de uma sociedade onde necessita de maior aceitação da expressão do outro e de si. Como podemos observar essa maior empatia e aceitação nessa fala:

*“... outra coisa que eu fiquei brisando é que tipo aquelas coisas que a gente pensa sendo como imperfeições que quando você da aquela olhada rápida você ve defeitos na pessoa, e quando você para pra olhar com calma, devagarzinho elas deixam de ser um pouco defeito e viram um componente do rosto (...) para de ser um problema, uma pinta, uma mancha, uma ruguinha, uma coisinha de pé de galinha, essas coisas que a gente geralmente tem raciocínio automático de falar “ai que feio”, tipo quando você para e olha mesmo não é feio, é só uma coisa da pessoa...”* (Trecho registrado na roda de conversa gravada em áudio durante as oficinas realizadas na pesquisa de campo deste trabalho).

### 1.3. Contato

*“... cara como é bom ficar encostando nas pessoas né, por que as pessoas não se encostam mais?”*

*“... acho que se alguém tava se sentindo sozinho agora não está mais”*  
(Trechos registrados na roda de conversa gravada em áudio durante as oficinas realizadas na pesquisa de campo deste trabalho).

Os trechos selecionado acima falam por si mesmos. Falam sobre o contato, isto é, falam sobre a relação que os participantes das oficinas estabeleceram uns com os outros nas práticas de sensibilização e harmonização coletivas realizadas.

A prática voltada a questão do contato foi a última propositalmente, visto que esse tema é um dos que as pessoas tem mais dificuldade de lidar. Como já observado na seção sobre a visão desta pesquisa, privilegiamos a percepção visual em detrimento dos outros sentidos, com isso, realizamos predileções que nos privam de certas aproximações, certos cheiros e certos toques.

Nesta seção, queremos focar no toque, assim, podemos verificar certas amarras que nos impedem de experimentar este sentido de outras formas, em função de convencionamentos ditados na sociedade e indefinidamente reproduzidos na prática educacional.

Não seria um exagero dizer que a questão do toque na sociedade é um tabu, pois facilmente a intensidade do toque pode dizer muito sobre sua intencionalidade. Não raras vezes, o toque descuidado pode agredir, coibir, violentar, ou sexualizar as relações de contato entre quem toca e quem é tocado.

Tomemos um exemplo simples para exemplificar estas afirmações. Um toque firme e constante por trás do cotovelo, por exemplo, é sinal claro de condução e/ou coerção. Nossos pais ou professores muitas vezes já lançaram mão deste toque para nos mostrar o caminho certo a seus olhos, ou para nos levar coercivamente para o castigo. E como incomoda a firmeza fria deste toque! A primeira reação, certamente, é querer se desvencilhar dele lançando os braços pra frente e para cima energicamente.

Enfim, poderíamos refletir aqui sobre uma infinidade de outros toques. O cumprimento de mãos, o “tapinha” nas costas, a carícia na face, o “cafuné” no emaranhar dos cabelos, e nossas próprias experiências com cada uma destas

modalidades de toque vivenciadas ao longo da vida já serviria de suporte empírico para embasar nossa superficial reflexão. Antes disto, porém nos interessa reconhecer algo que é comum a todos esses toques: trazem consigo uma intenção e, sem o devido cuidado deixam marcas na sexualidade coibindo-a, ou, ao contrário, estimulando-a em algum nível. A prática do toque, portanto, não poderia faltar nesta pesquisa que pretende estudar a importância das práticas corporais na expressão das sexualidades.

Tendo em vista estas implicadas ligações entre o toque e a sexualidade sugeridas no parágrafo anterior, prevíamos, antes das oficinas, que as práticas de toque seriam as mais difíceis de serem realizadas e que, portanto, demandavam maior cuidado e atenção, por isso, planejamos sua realização no final do trabalho de campo. Essa estratégia de planejamento deu certo visto que o grupo ficou extremamente imerso nas atividades, alegando inclusive mais facilidade de se soltar devido as experiências anteriores com as outras práticas. Além de tudo, essa oficina foi uma das que levou as reflexões para além da experiência propriamente dita, abrindo discussões acerca do toque – e suas consequências – em todas as esferas da vida.

Diferentemente das outras rodas de conversa realizadas nas outras oficinas, o diálogo que se estabeleceu acerca do contato teve diversos momentos de longos silêncios. Embora, em uma primeira análise, esse silêncio possa ser interpretado como sinal de constrangimento ou desconforto, também foi possível sentir com este silêncio certa abertura e disposição para outros canais comunicativos, alheios ao da linguagem falada. Isto porque já estávamos acostumados com a presença do outro, graças às práticas de sensibilização e harmonização coletivas realizadas nas oficinas anteriores. Portanto, muito além de certo constrangimento e desconforto que possa ter sido sentido, se misturava a isto também sensações impossíveis de serem traduzidas em palavras, daí a insistência do silêncio e a abertura a uma afetividade outra que tinha no silêncio certo grau de expressão.

O que dizer quando a experiência em si já diz tudo em sua plena consistência no ato em que se dá como acontecimento? As palavras parecem ser insuficientes para alcançar a plenitude aquilo que foi sentido. É justamente por isso que a pele e o tato, neste caso, pareceu ter muito mais a dizer e é por aí que seguiremos esta análise.

A pele é o maior órgão do corpo humano e possui milhares de terminações nervosa por meio das quais se organiza nossa superfície tátil. Por diversos fatores ligados as questões de disciplinação do corpo, acabamos por explorar a pele e o toque o mínimo possível, com isto não alcançando o maior potencial de sensa es que poderiamos obter com esse órgão e seus sentidos, excluindo assim diversas percepções que poderiam surgir da plena experimenta o da pele. Logo quando nos permitimos experimentar o tato de outras formas, alheias ao regime que lhe impomos cotidianamente, ocorre um borbulhar de diversas sensa es e sentimentos levantando os mais diversos questionamentos e possibilidades.

Uma das questões levantadas foi a questão do toque, o quanto o mesmo traz sensa es boas, de inclusão, pertencimento e unidade, alegando que o mesmo deveria acontecer para além de quando somos beb s e da infância.

*“Fiquei pensando nessa coisa de contato, li uma vez que beb s ficam mais calmos se a mãe tem eles colados ao corpo dela sem roupa sabe, que eles ficam menos estressados , e eu fiquei brisando ,contato   muito bom mesmo depois que você tá mais velho sabe, e tipo porque a gente não faz contato ou porque a gente se tornou um corpo com essa coisa protegida?”(Trechos registrados na roda de conversa gravada em áudio durante as oficinas realizadas na pesquisa de campo deste trabalho).*

O toque   de extrema importância para o desenvolvimento do beb  e de crianç s. Segundo Neto (2004) um beb  que recebe contato desde sua forma o inicial, forma uma personalidade mais sadia e positiva quanto ao mundo ao seu redor, sentindo-se mais aceito e conseqüentemente formando uma boa auto estima, algo que   de extrema importância conforme avança o seu crescimento e nas forma es das rela es interpessoais. Porém podemos estender essa ideia para o nosso desenvolvimento subjetivo mesmo depois de crianç s, afinal conforme nossas experiências continuamos em constante desenvolvimento e evolu o pessoal de quem somos. Pensando assim, podemos nos questionar se ao longo de toda nossa vida o toque não seria algo imprescindível para o desenvolvimento e auto forma o, necessitando mesmo depois de adultos afetuosidade e contato físico, será que se recebêssemos/troc ssemos contato ao longo de toda nossa existência não conseguir mos ter melhor estima e se sentir melhor aceito como as crianç s em seus estados de forma o inicial? Afinal em várias frases ao longo dessa análise fica claro a necessidade e vontade dessa situa o pelos participantes.

Segundo Catonné no seu livro “A sexualidade ontem e hoje” (2001) a construção do corpo e sexo no Ocidente ainda está bem ligada a questão da religião católica e as questões de pecado, logo coloca-se o corpo como algo sujo e negativo, ou seja, pecaminoso como consequência disso o toque ainda sofre um grande tabu sempre sendo ligado as questões sexuais e relacionamento amorosos, situações aonde o toque seria colocado como aceitável de se ocorrer, fato levantando e problematizado inclusive pelos participantes no dialogo abaixo, logo este fica limitado a momentos “corretos”, causando muitas vezes constrangimento quando ocorre em outras situações.

*“Participante 1:O corpo é uma coisa proibida , tanto seu quanto o dos outros.*

*Participante 2:Realmente quanto mais a gente cresce, mais a gente afasta.*

*Participante 3:É foda porque ai fica mais dificil você desassociar o contato do sexual.*

*Participante 4:Que é o único momento que tem contato né, mas contato é tão bom sei lá, me sinto tão seguro, da uma sensação de unidade.*

*Participante 5:Mas é foda ,não sei como chegar e falar “ oi posso me esfregar em você?”mas eu faria isso” (Trechos registrados na roda de conversa gravada em áudio durante as oficinas realizadas na pesquisa de campo deste trabalho).*

Analisando o toque como algo incluso normalmente em relações que levam ao sexo e sendo o sexo um dispositivo de poder, segundo Foucault em *Microfísica do Poder*(1979) e *História da Sexualidade* (1988), podemos enxergar o toque como algo inerente a relações que incluem essa transmissão de poder um sobre o outro.

Foi justamente para colocar em cena essas relações de poder advindas através do toque e perceber possibilidades de escape que apostamos nas práticas de contato e improvisação nesta pesquisa.

As técnicas de contato e improvisação que foram melhores explicadas no capítulo anterior, por sua natureza laboratorial, contribui para uma ampliação de nossas possibilidades relacionais. Com isto, temos maiores condições para repensar nossas atitudes à luz das imprevisibilidades e afecções desdobradas nas relações que vamos assumindo nas oficinas de criação.

O contato improvisação surge inclusive de um contexto e um objetivo que busca justamente a igualdade entre os participantes

Nesta modalidade de dança eram rejeitadas as ideias tradicionais relacionadas aos papéis sociais de gênero. A dança não mais representava

um amor romântico como acontecia no balé clássico. Uma dança poderia ser realizada tanto por um homem com uma mulher, como por uma mulher com outra, ou por um homem com outro. Ela proporcionava aos dançarinos uma experiência de troca de peso com um parceiro de qualquer sexo e qualquer tamanho. Outra ideologia social incorporada pelo C.I. foi com relação às hierarquias sociais, pois geralmente um grupo de praticantes do Contato Improvisação, os contatistas praticavam *performances* sem a presença de um diretor, simbolizando uma comunidade igualitária. (CARVALHO, 2004, p. 14).

Questão inclusive percebida pelos participantes de como o contato e improvisação poderia levar a uma menor relação de poder nas relações:

*“Participante 1: Não sei, posso estar viajando agora mas pensando em relacionamento abusivo onde a pessoa sente muito ciúmes, ou coisa assim, será que não é algo haver com isso também, porque a hora que você sente contato com a pessoa, você tem ânsia por aquilo e você não quer que ninguém (interrompido pelo outro participante)*

*Participante 2: acho que não é só isso, mas acho que isso conta*

*Participante 1: não sei, talvez se as pessoas se tocassem mais, se sentissem mais, sei lá, to viajando*

*Participante 3: aquilo que você tinha falado antes que o único momento que há o toque é no ato sexual, daí parece que você tem que garantir esse momento de alguma forma porque é uma necessidade tua*

*Participante 1: todo mundo necessita sentir outra pessoa perto*

*Participante 2: então o único momento que você tem o toque é o momento sexual e a partir do momento que você desvincular o toque do sexo, você reduz muito a parte do ciúme” (Trechos registrados na roda de conversa gravada em áudio durante as oficinas realizadas na pesquisa de campo deste trabalho).*

Durante toda essa prática ficou claro o quanto o contato mexe com o humanidade e subjetividade de cada um, sendo colocado inclusive como forma de resolução de problemas entre as pessoas, já indicando a possibilidade de utilização dessa nova sensação dentro da vida cotidiana de cada um como indica a diálogo abaixo

*Participante 1: é que tipo, as pessoas deveriam fazer mais contato diariamente, se relacionar com mais contato*

*Participante 2: eu tento fazer isso, é difícil*

*Participante 3: a gente se sente afastado da pessoa, quando a gente olha a pessoa e a gente não conhece muito, a gente sente uma barreira. Às vezes*

*eu sinto que se eu for chegar e cumprimentar a pessoa eu vou levar um soco*

*Participante 1:acho que isso resolveria tantos problemas das pessoas*

*Participante 2:contato?*

*Participante 1:aham*

*Participante 1:porque as pessoas ficarem cada vez mais fechadas assim de contato, só gera mais frustração, mais dependência de relacionamentos (Trechos registrados na roda de conversa gravada em áudio durante as oficinas realizadas na pesquisa de campo deste trabalho).*

Pela resposta dos participantes e discussão acerca da oficina de contato e improvisação ficou claro o quanto o trabalho com o toque e contato é de extrema importância para desconstrução de diversas situações já postas socialmente. O contato e improvisação é ferramenta poderosa para as pessoas se enxergarem como iguais e se expressarem individualmente sendo que a mesma da a possibilidade de qualquer um independentemente de atributos físicos, técnica e experiências participarem de igual para igual, com isso muitas vezes conseguimos uma dissolução de relações de poder dentro daquela momento levando a um questionamento posterior que pode vir a ser trabalhado também fora da atividade. É uma ferramenta pedagógica riquíssima que pode vir a ser aproveitada transdisciplinarmente nos mais diversos espaços, sendo extremamente flexível.

O C.I., um tipo de *dança a dois*, procurou propor um caminho que se diferia dessa tendência em rotular estilos. Steve Paxton concebeu o Contato Improvisação como uma dança liberta da necessidade de se criar uma técnica de dança rígida, tornando-o uma prática social, atemporal, transcultural, sem estilo definido. Segundo Neder (2005), essa dança vai se metamorfoseando conforme o lugar, o tempo e as circunstâncias, se tornando mais um “evento” onde as pessoas se reúnem para trocar conhecimentos, práticas e experiências. (FARIA,2013, p.95)

## 9. CONCLUSÃO

Este trabalho buscou ampliar as discussões e ações acerca da educação sexual, rompendo com a visão estritamente biológica a ela imposta, para tanto, reclamamos pelos corpos em movimento nas práticas corporais para assim recuperar outras possibilidades de potencialização da ação educativa. Que pode o corpo quando em movimento e plena expressão?

Como já dito anteriormente, a Educação Sexual está baseada em estudos da ciência positivista que consideram o corpo e a sexualidade, unicamente sob os termos biológicos. Com isso, a Educação Sexual vêm historicamente se cercando de “verdades científicas” que, inclusive, justificam sua inserção no currículo escolar enquanto disciplina higienista que supostamente contribui na normatização e regulamentação das relações entre vida, corpo e sexualidade. Graças a esse tratamento dado à Educação Sexual é possível padronizar comportamentos, capacitando os educandos a discernir entre certo e errado, o saudável e o doentio, o normal e os anormais (ALTMANN, MARTINS, 2007). O ônus desta padronização é a consequente massificação da Educação Sexual e das verdades que preconiza, com isso as individualidades, singularidades e diversidades são desconsideradas, ou, ainda pior, são ostensivamente discriminadas, negadas e insistentemente reprimidas.

Por outro lado, ao pensar e vivenciar a Educação Sexual como prática corporal, buscamos por outras possibilidades de entendimento e ação sobre essa dimensão educativa, uma vez que a noção de práticas corporais traz a possibilidade de potencialização das diferenças, ao dar vazão aos domínios do sensível, ou seja, ao valorizar aquilo que é da ordem do movimento e da efetiva ação de invenção/constituição de si. Com isso, apostamos que os ensinamentos da Educação Sexual podem assumir sentidos e significados mais amplos na formação das subjetividades e na qualificação dos processos educacionais (SILVA et al, 2009).

Muito disto se deve ao fato que uma educação ligada às práticas ao invés de reafirmar o mecanismo da redundância conceitual – que nada diz ao sujeito, a não ser os termos das convenções vigentes - levaria a mudanças de atitude e é justamente por isso que a Educação Sexual ligada às práticas corporais, estaria mais afinada aos processos de qualificação da educação e às efetivas movimentações da subjetividade.

Nesta pesquisa, portanto, apostamos nas práticas corporais no contexto da Educação Sexual, como práticas que possibilitam mudanças de atitude constituídas no exercício de se colocar em movimento em oficinas de dança, expressão e sensibilização corporal. Assim, em movimento, a Educação Sexual estaria sendo constituída, forjando, como efeito, um sujeito emancipado e autônomo, apto para assumir suas próprias escolhas, como mostra o trecho a seguir:

“Se o corpo, em si mesmo, não é senão um centro de ação comum dos sentidos, se nós possuímos o domínio dos nossos sentidos, se os podemos fazer agir à vontade, se os podemos centrar em comunidade, então não depende senão de nós darmos a nós próprios o corpo que queremos. Se os nossos sentidos não são senão modificações do órgão pensante – do elemento absoluto - então podemos também, pela dominação deste elemento, modificar e dirigir, como nos agradar, os nossos sentidos. Podemos tomar em nosso poder o nosso corpo e a nossa alma. O corpo é o instrumento para a formação e modificação do mundo. A modificação dele próprio, do nosso instrumento, é a modificação do mundo.” (GONÇALVES, 2013, p. 5).

Em última análise, esse trabalho verificou que não há efetiva educação sexual sem reclamar pelo corpo em movimento neste processo educacional, o que demanda um exercício educativo transdisciplinar. Como projeção deste pressuposto, queremos ver também que não é somente a educação sexual que necessita ser transdisciplinar. A inserção e valorização das práticas corporais no meio educativo (formal e não formal) exige uma ressignificação dos processos educativos, o que passa pela necessidade de repensar, por exemplo, o currículo básico e as relações entre alunos e entre professor e alunos que acontecem no seio do cotidiano escolar, ou mesmo fora da escola (no espaço virtual das redes sociais, por exemplo). Tal necessidade é urgente e a discussão sobre a importância das práticas corporais no contexto da Educação Sexual vem atender essa urgência.

### A guisa da conclusão

Dentro do questionamento principal desse trabalho, nota-se, com o texto acima que este trabalho teve um começo, um desenvolvimento e desembocou em um fim satisfatório, na medida que trouxe respostas para nossa questão de partida. Porém, o registro destas respostas não esgotou as discussões sobre o assunto aqui em pauta, pois temos que lembrar que estamos falando de pessoas que são únicas, pois se constroem em cima de uma rede de experiências que somente cada uma delas pode ter. Parte dessa experiência ocorre em um nível racionalizável, mas

parte do que se vivencia não pode ser verbalizado ou torna-se consciente (FALCÃO,2009). Logo, a resposta desse trabalho transpassa o positivo e o negativo, a conclusão dele vem na proposta de dizer se existe uma possibilidade pedagógica de juntar a educação para a sexualidade e as práticas corporais, e não trazer uma ideia estática de que isso seria a solução para educação sexual, pois não existe uma forma de transformar essa conclusão em uma verdade absoluta, pois esta pesquisa dentro dos resultados não tem como ser exata.

Para além das análises, os próprios participantes alegaram que as práticas ajudaram muito nas reflexões acerca da sexualidade, levando a questionamento que eles jamais chegariam se não houvesse a possibilidade daquelas sensações que as atividades proporcionaram. Um dos participantes após as oficinas veio até mim particularmente agradecer pelas práticas, falando o quanto tudo foi uma experiência surreal, que ele passou a repensar várias coisas inclusive relatar o surgimento de algumas vontades das quais ele não tinha antes, mas que surgiu devido a sensibilização proporcionada, algo que me foi muito gratificante, pois diversas vezes no mundo acadêmico as pesquisas de conclusão de curso se fecham em suas próprias páginas acabando por ali. Nessa metodologia de pesquisa mesmo que ela não tenha uma continuidade mais aplicada, consegui pelas oficinas ao menos levar algo de novo e questionamentos para a vida de algumas pessoas, já podendo efetuar alguma mudança mesmo em um plano mínimo, algo que eu acredito ser de extrema importância vide a vários questionamentos levantados ao longo da pesquisa.

Num mundo de teorias, as práticas corporais aparecem como uma possibilidade de quebra dessa lógica, ela traz a possibilidade de repensar teoria e prática como uma coisa só, uma complementação. Muitas vezes temos uma ideia na cabeça mas nosso corpo devido a disciplina não consegue colocar essas ideias em ação, dentro das conversas ao longo das práticas surgiram muitas vezes a questão do por que não conseguimos praticar essa ação, o simples fato de acontecer esse questionamento, acredito já estar um passo a frente para se concluir essa ação. Sobre diminuir o abismo entre a teoria e a ação não pude chegar em alguma conclusão mais sólida visto que as práticas não foram muitas, acredito que para algo do tipo ocorrer seria necessária uma relação mais intensiva com as práticas. Porém nas buscas bibliográficas, achei em Richard Shusterman em seu livro “Consciência Corporal” algo relacionado sobre o preconceito contra

homossexuais e a possibilidade de repensar isso com a somaestética que pode ser análogo a sexualidade no geral:

“[...] a mente alerta somaestética pode oferecer os meios para reconhecer e controlar essas reações viscerais (preconceito), e assim também pode oferecer os meios de reconhecer e de controlar essas reações viscerais, e assim oferecer também uma ponte para transformá-los em sentimentos menos negativos em relação a homossexualidade. A reflexão somestática também pode capacitar aqueles homossexuais confusos ou perturbados por ter desejos e encontros eróticos que desviam da norma heterossexual. Ao dar a esses indivíduos maior clareza quanto a seus sentimentos, essa consciência corporal de mente alerta pode permitir que qualquer pessoa com desejos desviantes reconheça, habite e gerencie melhor esses sentimentos (o que não necessariamente significa sufoca-los)”

Outro ponto a ser levantado é que partimos da ideia de utilizar a junção das práticas corporais com a Educação Sexual, para isso é necessário lembrar que essa ocorre principalmente em escolas, ou seja, em ambientes formais. Mesmo que a formação do indivíduo ocorra em diversos espaços, inclusive os informais, não podemos negar o peso da instituição escolar na formação das pessoas, sendo esse um espaço de extrema importância para se pensar as práticas corporais, não somente no ensino de educação sexual mas como em todas as áreas, já que a sexualidade não é a existência inteira ou está diluída na existência, a sexualidade e a existência difundem-se reciprocamente sendo impossível estabelecer limites ou campos de ação para cada uma, a sexualidade é coextensiva a vida (Merleau-Ponty, 1999, p.233) assim como diversas outras áreas que também merecem muito mais atenção as questões ligadas ao corpo e as possibilidades ligadas as práticas corporais, logo o que se mostra aqui é somente um recorte de muitas das possibilidades. Sem contar que para a mesma ser trabalhada em ambientes como a escola é necessário pensar na formação dos professores, já que os mesmos muitas vezes não chegaram nem a discutir a pauta do corpo durante seus cursos, quanto mais o trabalho com o mesmo.

Essa pesquisa buscou tentar compreender de uma forma mais prática diversas teorias ligadas a disciplinação de corpo e práticas corporais emancipatórias e buscar relações que estas poderiam ter, mesmo que tudo isso esteja imerso em uma rede complexa de relações, acredito que dentro do situação que me foi dada foi possível analisar diversas questões de forma bem interdisciplinar e dinâmica com a conclusão de que sim, o corpo está no centro de toda relação de poder mas que por meio da arte e sensibilidade podemos minimizar essas relações e até mesmo modificá-las, chegando a diversas respostas coerentes mas que devido a própria

essência da pesquisa vão abrir ainda mais questionamentos para serem aprofundados devido as múltiplas possibilidades dentro do assunto que é riquíssimo porém pouco explorado devido as suas dificuldades metodológicas.

Temos que pensar que dentro do contexto histórico-cultural que nos encontramos grande parte que foi dito aqui faz muito sentido, porém a ciência é totalmente ligada as questões culturais podendo talvez não ter tanta coerência daqui alguns anos ou em outro contexto ou espaço, porém espero que para a maioria das pessoas que tenham acesso aos saberes produzidos aqui possam refletir e até mesmo fazer o uso que lhe for necessário, afinal a produção científica dentro das ideias dessa pesquisa foi feita para se pensar em aplicabilidades e usos ,afinal o conhecimento e as práticas não podem ficar somente fechadas em teorias, seria contraditório devido o teor de tudo apresentando até aqui.

E como a própria leitura é uma experiência cultural e corporal também fica a cargo de quem lê se esta pesquisa conseguiu demonstrar aspectos convincentes da existência da disciplinação de corpo e as possibilidades de achar forças de criação para repensar essas relações de poder, fazendo desse próprio trabalho uma forma de reflexão autônoma para cada um poder tirar suas próprias conclusões e repensar seus corpos...ou não!

## 11-BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, F. S.; GODOY, K. M. A. Prática educativa em dança: reflexões sobre a ação na escola. ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO DA UNICAMP. 2012. Campinas. **Anais do XVI ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino da UNICAMP**. Campinas, 2012.

ALTMANN, Helena; MARTINS, Carlos José. Educação sexual: ética, liberdade e autonomia. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 35, p. 63-80, 2009

ALTMANN, Helena; MARTINS, Carlos José. Políticas da sexualidade no cotidiano escolar. In: CAMARGO, Ana Maria Faccioli de; MARIGUELA, Márcio. (Orgs). **Cotidiano escolar – emergência e invenção**. Piracicaba: Jacintha Editores, 2007. p. 131-150.

ALVES, Flávio Soares. O despertar da consciência corporal: um desafio para o futuro profissional de Educação Física. **Motriz rev.educ. fís.(Impr.)**, Rio Claro, v. 14, n. 3, p. 361-370, 2008.

ALVES, Flávio Soares; DE CARVALHO, Yara Maria. Reflexões sobre uma experiência investigativa com a capoeira. **Movimento (ESEF/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 1111-1132, 2014.

BARBA, E. **A Arte Secreta do Ator** – um dicionário de Antropologia Teatral, São Paulo: E Realizações Ltda, 2012.

BARROS, L. P.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA (org.). **Pistas do método cartográfico: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.p. 52-75.

BERTAZZO, Ivaldo. **Corpo vivo: reeducação do movimento**. São Paulo: Ed. SESC, 2010.

BERTHERAT, Therese ; BERNSTEIN, Carol. **O corpo tem suas razões:** antiginástica e consciência de si. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CARVALHO, Diogo Túlio Wernik de. **Contato improvisação:** implicações metodológicas e pedagógicas. 2004. 53f. Monografia (Licenciatura em Educação Artística apresentada a UNB – Universidade de Brasília). Brasília, Distrito Federal.

CARVALHO, Y. M. **O Mito da Atividade Física e Saúde.** São Paulo: Hucitec, 2004

CATONNÉ, Jean-Philippe. **A sexualidade, ontem e hoje.** São Paulo: Cortez, 2001.(Coleção Questões da Nossa Época.v-40)

DAMICO, José Geraldo Soares; KNUTH, Alan Goularte O des(encontro) das práticas corporais e atividade física: Hidridizações e borramentos no campo da saúde. **Revista Movimento.** Porto Alegre: UFRG, vol 20, n, 01, p. 329-350, jan/mar, 2014.

DIEGUEZ, Gilda Korff. Corpo: liberdade e prisão. In: DIEGUEZ, G. (Org.). **Esporte e poder.** Petrópolis: Vozes, 1985. p. 96-106.

DOURADO, W. A. M.. O Corpo Proprio Merleaupontyano: Subjetividade e Educação. In: **II Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos**, 2004, Bauru. A Pesquisa Qualitativa em Debate. São Paulo: Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativa, 2004.

FALCÃO, L. C.. Práticas corporais no contexto contemporâneo:(in)tensas experiências. **Corpo e experiência:** para pensar as práticas corporais. Florianópolis: Copiart ,2009.p.10-27

FARIA, Ítalo Rodrigues. O Contato Improvisação: bases históricas para um processo de criação. **Arterevista**, São Paulo, v. 1., n.1, jan/jun, p 89-106, 2013

FELDENKRAIS, Moshe. **Consciência pelo movimento**. São Paulo: Summus, 1977.

FERNANDEZ, C. **O Corpo em movimento: o sistema Laban/Bartenieff na formação e pesquisa em Artes Cênicas**. 2<sup>a</sup>.ed. São Paulo: Annablume, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**.2 Ed. São Paulo: Paz & Terra, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**.41 Ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes ,2003. p.28-40.

GONÇALVES, G. **O corpo no movimento de criação**. 2013. 9f. Faculdade Angel Vianna, Rio de Janeiro

GONZÁLES, F. J. Práticas Corporais e o Sistema Único de Saúde: Desafios para a intervenção profissional. In: GOMES, I. M.; FRAGA, A. B. CARVALHO, Y. M. (orgs.) **Práticas Corporais no Campo da Saúde: Uma política em formação**. Porto Alegre: Rede Unida, 2015, pp. 135-162.

LABAN, R. **Domínio do movimento**. São Paulo: Summus, 1978.

LOWEN, A. **O corpo em terapia: a abordagem bioenergética**. 10° ed. São Paulo: Summus, 1977.

LOURO, Guacira Lopes; NECKEL; Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (orgs). **Corpo, gênero, e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MARTINS, C. Foucault: sexo e verdade – o confronto político em torno da vida. **Mente, Cérebro e Filosofia**. Rio de Janeiro, Duetto Editora, nº 6, p. 37-43, 2007.

MEDEIROS VALENTE, G. **Nossos corpos conscientes mudam nossas mentes: A auto educação corporal como promotora de resiliência**”. 2013. 15f. Faculdade Angel Vianna, Rio de Janeiro

NEDER, Fernando. **Contato improvisação: origens, influências e evolução. Gens, fluências e tons**. 2005. 25 f. Monografia (Trabalho conclusão de curso desenvolvido para a disciplina Evolução da Dança). UNIRIO-CLA, Rio de Janeiro, 2005.

NETO, Armando Correa de Siqueira. **A importância do ato de tocar**,2004. Disponível em: [http://www.psicologia.pt/artigos/ver\\_artigo.php?codigo=A0179&area=d4&subarea+](http://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0179&area=d4&subarea+) >.Acesso em: julho 2016

PASSOS, E.; BARROS, R. B. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31.

PONTY, Merleau. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2011, pp. 205-212.

SCHNEIDER, M. **O manual de autocura: método self-healing**. São Paulo: Triom, 1995

SHUSTERMAN, Richard. **Consciência corporal**. São Paulo: Editora Vida e, 2012.

STRATHERN, Paul. **Foucault em 90 minutos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002(Col.90 minutos).

TRIVELATO, S. L. F. Que corpo/ser humano habita nossas escolas. In: MARANDINO, M. et al. **Ensino de Biologia: conhecimentos e valores em disputa**. Niterói: Eduff .2005. p-121-130.

VIANNA, Klaus. **A dança**. São Paulo, Summus, 2005.